



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CAMPUS VI - POETA PINTO DE MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
TATIANA FELIX FEITOSA**

**A CORREÇÃO DO ERRO À LUZ DO ENFOQUE COMUNICATIVO:
POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA PROBLEMAS DE REDAÇÃO EM
LÍNGUA ESPANHOLA**

MONTEIRO, PB

2010.

TATIANA FELIX FEITOSA

**A CORREÇÃO DO ERRO À LUZ DO ENFOQUE COMUNICATIVO:
POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA PROBLEMAS DE REDAÇÃO EM
LÍNGUA ESPANHOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Espanhola, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras/ Espanhol.

Orientadora: Prof.^aDr^a Patrícia Aparecida Espinar

MONTEIRO, PB

2010.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

F311c

FEITOSA, Tatiana Felix.

A correção do erro à luz do enfoque comunicativo [manuscrito]: possíveis soluções para problemas de redação em Língua Espanhola / Tatiana Feliz Feitosa. – 2010.

88 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras e Artes) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2010.

“Orientação: Profa. Dra. Patrícia Aparecida Espinar”.

1. Erro. 2. Produções escritas. 3. Correção. I. Título.

21. ed. CDD 460

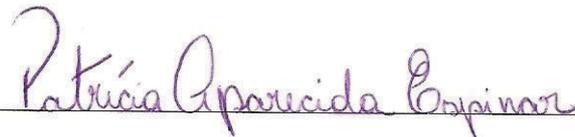
TATIANA FELIX FEITOSA

**A CORREÇÃO DO ERRO À LUZ DO ENFOQUE COMUNICATIVO:
POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA PROBLEMAS DE REDAÇÃO EM
LÍNGUA ESPANHOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Espanhola, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras/ Espanhol.

Aprovada em: 15 / 12 / 2010.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a Patrícia Aparecida Espinar (UEPB)

(orientadora)



Prof.^aMs. Tatiana Fernandes Sant'ana (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Shirley de Sousa Pereira (UFRN)

À minha mãe, irmãos e amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus e à minha família por estarem sempre comigo;

À Universidade Estadual da Paraíba por fazer um ótimo trabalho;

Ao curso de Letras e em especial a coordenação deste curso;

À minha orientadora pela paciência;

Aos professores que fizeram parte da minha história;

Aos funcionários por sempre propiciarem um ótimo ambiente de estudo;

À todos que de uma forma ou de outra fizeram parte da minha vida e sempre estiveram comigo neste processo dando-me força;

A todos os colegas e amigos que durante este tempo sempre estivemos juntos;

e em especial aos colegas da disciplina Língua Espanhola, turma “Confieso que he vivido”.

La corrección se convierte en letra muerta
si no sirve para aprender de los errores.

(Alexopoulou)

RESUMO

Tradicionalmente o erro e a correção são vistos como algo negativo no ensino-aprendizagem. Hoje, a partir de investigações realizadas por alguns estudiosos na área da Linguística Aplicada, nota-se uma evolução na concepção de erro, de forma que este é visto como um fator constitutivo do processo de aprendizagem de língua, neste caso sobre a Língua Espanhola. Assim, resolvemos intervir na realidade educacional, através da correção de produções textuais de alunos, pertencentes ao Campus VI/ UEPB, com o intuito de sugerir um meio mais adequado, ao nosso ver, considerando o enfoque comunicativo para se trabalhar o erro, já que o mesmo representa um estágio na aprendizagem de Língua estrangeira, além disso, apontamos os tipos de erros mais comuns neste processo. Desta forma, utilizamos algumas considerações sobre a Linguística Aplicada, como também do enfoque comunicativo, representando a base constitutiva do processo de ensino/aprendizagem em Língua Estrangeira. Para tanto, utilizamos as contribuições teóricas de autores como Santos Gargallo, ao tratar da Linguística Aplicada e da Análise de erros. Almeida Filho ao discutir sobre o enfoque comunicativo e Ruiz ao mostrar os tipos de correções. Assim, chegamos à conclusão que o tipo de correção mais indicada para o docente de Língua estrangeira, ao adotar um enfoque comunicativo, é a correção textual-interativa, pois garante aos envolvidos no processo interagirem e, com isto, solucionarem o problema encontrado no texto.

Palavras-chave: erro - produções escritas – correção.

RESUMEN

Tradicionalmente el error y la corrección son vistos como algo negativo en la enseñanza-aprendizaje. Hoy, a partir de investigaciones realizadas por algunos estudiosos en el área de la Lingüística Aplicada, se nota una evolución en la concepción de error, de forma que éste es visto como un factor constitutivo del proceso de aprendizaje de lengua, en este caso sobre la Lengua Española. Así, resolvemos intervenir en la realidad educacional, a través de la corrección de producciones textuales de alumnos, pertenecientes al Campus VI/ UEPB, con el propósito de sugerir un medio más adecuado, al nuestro ver, considerando el enfoque comunicativo para trabajarse el error, ya que el mismo representa un fase en el aprendizaje de Lengua Española, además, apuntamos los tipos de errores más comunes en este proceso. De esta manera, nos utilizamos de algunas consideraciones sobre la Lingüística Aplicada, como también del enfoque comunicativo, representando la base constitutiva del proceso de enseñanza/aprendizaje en Lengua Extranjera. Para tanto, nos utilizamos de las contribuciones teóricas de autores como Santos Gargallo, al tratar de la Lingüística Aplicada y del Análisis de Errores. Almeida Filho, al discutir sobre el enfoque comunicativo y Ruiz al mostrar los tipos de correcciones. Así, llegamos a la conclusión de que el tipo de corrección más indicada para el docente de Lengua extranjera, al adoptar un enfoque comunicativo, es la corrección “textual-interactiva”, pues asegura a los envueltos en el proceso interactuando, con esto, solucionar el problema encontrado en el texto.

Palabras-clave: error - producciones escritas - corrección.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo I- Linguística Aplicada	12
1.1 - Breve Trajetória de Surgimento.....	13
Capítulo II- Enfoque Comunicativo e Análise de erros	20
2.1- Envolvimento Teórico /Prático	21
2. 2 - A Análise de Erros e o Ensino de Língua.....	29
Capítulo III- Corrigir frente uma Perspectiva Comunicativa	38
3.1- Correção e reescrita.....	40
Capítulo IV- Análise dos Dados	50
Conclusão	61
Referências	63
Anexos	69

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar como devemos trabalhar os erros produzidos por estudantes de E/LE, tendo em vista o enfoque comunicativo, que considera estes erros como parte integrante do processo de aprendizagem. Assim, a partir de questões surgidas no ambiente acadêmico houve a necessidade de verificarmos como poderíamos corrigir ao adotarmos uma postura comunicativa, já que esta postula um ensino mais dinâmico, onde o aluno passa a ser um agente do processo de ensino/aprendizagem.

Deste modo, nossa pesquisa está inserida em um quadro teórico de estudos vinculados a Linguística Aplicada. Tendo como corpus de análise produções textuais escritas por alunos universitários do Campus VI. Utilizaremos como base para este estudo as contribuições do enfoque comunicativo e da Análise de Erros. Cada tema será analisado de forma que respalde esta investigação, tendo em vista a correção do erro a partir deste enfoque. O tipo de pesquisa que utilizaremos é a pesquisa de campo, aplicada ao ensino/aprendizagem de LE/L2, sendo que nosso intuito não é rechaçar nenhum método, mas oferecer uma alternativa metodológica para se trabalhar em sala de aula.

Assim, apresentaremos na primeira parte deste trabalho como se dá o processo de aprendizagem evidenciando o papel da Linguística Aplicada nos estudos sobre E/LE. Na segunda, exporemos o enfoque comunicativo e sua postura ao lidar com o “erro” dos aprendizes de Língua Estrangeira, de forma que possibilite ao aluno aprender de forma significativa e funcional. Em seguida, apontamos o papel da Análise de Erros no tratamento destes “erros”. Para na terceira parte, discutiremos como trabalhar estes “erros” de acordo com uma postura comunicativa. Após todas essas discussões analisaremos redações escritas por alunos/ aprendizes de 4º período e discutiremos os tipos de correções mais indicadas e quais as mais usuais no meio escolar ou acadêmico.

Portanto, teremos como objetivo geral analisar as redações destes alunos. Para, desta forma, tentarmos responder a questão: Como o docente pode corrigir o erro produzido pelo aprendiz ao se trabalhar com o enfoque comunicativo?

Portanto, acolheremos contribuições teóricas de autores como Santos Gargallo (2004), Santa-Cecilia (1995), Richards & Rodgers (2001), Ruiz (2001), Alexopoulou (2005) entre outros, para embasarmos este trabalho.

CAPÍTULO I – LINGÜÍSTICA APLICADA

1.1 Breve Trajetória de Surgimento

A Linguística Aplicada surgiu nos anos quarenta em um período conturbado pela Segunda Guerra mundial, tendo por intuito preparar soldados para que aprendessem línguas estrangeiras. A partir desta necessidade de formar aprendizes de línguas surgiram alguns linguistas (como Fries, Lado, Bloomfield, entre outros) que se sentiram impelidos a buscarem soluções para o ensino de língua estrangeira, como podemos notar nesta afirmação de Soares [s.d.]: “[...] estes estudiosos fizeram as primeiras tentativas de aplicação de teorias linguísticas em questões ligadas ao ensino de segunda língua [...]” (p. 04). Para isto, fizeram uma combinação de várias teorias e estudos até obterem resultados no que se refere ao ensino de língua estrangeira.

Hoje, esta disciplina visa solucionar problemas linguísticos decorrentes do uso da linguagem, consolidando-se assim como uma ciência desvinculada da linguística. Sendo responsável também pela AE (Análise de Erros), que é uma corrente de investigação que procura identificar e conseqüentemente solucionar possíveis “erros” produzidos por aprendizes de Língua Estrangeira verificados em contextos de uso reais, no ensino/aprendizagem de língua. Para entendermos melhor, a Linguística Aplicada estuda a língua como prática social, inserida em um contexto de aprendizagem, sendo escolar ou não. Além disso, esta disciplina possui um caráter interdisciplinar ao envolver diversas áreas investigativas (como a sociolinguística, a psicolinguística, a etnologia da fala, etc.) na tentativa de solucionar problemas linguísticos encontrados no processo de ensino/aprendizagem de L2/LE¹. Como diz Santos Gargallo:

La Lingüística Aplicada (LA) es una disciplina científica, mediadora entre el campo de la actividad teórica y práctica, interdisciplinar y educativa, orientada a la resolución de los problemas que plantea el uso del lenguaje en el seno de una comunidad lingüística. (SANTOS GARGALLO, 2004, p. 10).

¹O termo L2 refere-se à Segunda Língua, sendo empregado para identificar aquele que aprende uma língua dentro de uma comunidade linguística, e que possui uma língua materna. Já LE refere-se à Língua estrangeira e, identifica aquele que aprende uma língua fora do contexto da língua alvo, onde este aprendiz não possui um papel definido na comunidade de falantes.

Esta disciplina aponta não só os problemas encontrados em um contexto de uso real, mas tenta solucioná-los. Sendo uma disciplina de caráter interdisciplinar e mediadora, ou seja, media o conhecimento teórico advindo de outras disciplinas, para solucionar problemas do uso da linguagem. Como também cria seu próprio conhecimento, como afirma Moita Lopes, a Linguística Aplicada: “[...] formula seus próprios modelos teóricos” (1996, p. 21). Contribuindo, assim, para a solução de problemas decorrentes do uso da linguagem; assim como faz uso de métodos de investigação de natureza positivista e interpretativista, ou seja, recolhe dados para depois quantificar.

Neste sentido, para conhecermos a trajetória da Linguística Aplicada faz-se necessário mostrarmos alguns fatos que marcaram esta área como disciplina científica, dentre estes fatos estão, segundo Santos Gargallo (1993, p. 22), a criação da revista LL (Language Learning) em 1948 e, algum tempo depois, o surgimento da IRAL (Internacional Review of Applied Linguistics) e, em 1964, a fundação da AILA (Asociación Internacional de Linguística Aplicada) que impulsionaram o desenvolvimento desta como área científica. Contudo, como toda disciplina científica em expansão a Linguística Aplicada passou por mudanças, a partir da influência de outras áreas. Ela passou a enfatizar em seus estudos a resolução de problemas de vários tipos, todos relacionados ao uso da linguagem. Assim, como afirma Santos Gargallo:

[...] En los dos primeros decenios de su historia, la LA se centró en problemas relacionados con la enseñanza de la lengua materna o de otras lenguas. Hoy en día, la interdisciplinariedad que profesa constituye su fundamento y razón de ser [...] (SANTOS GARGALLO, 1993, p. 23).

Como podemos constatar, a disciplina em questão surgiu como um campo pequeno de estudos e ao longo de sua história ampliou seus horizontes, abrangendo não só o ensino de línguas, mas, englobando a detecção e correção (segundo Santos Gargallo, 1993) de problemas encontrados no uso da linguagem, decorrente de várias ordens como: mal uso de materiais didáticos, de tradutores (online), de distúrbios na fala etc., que serão estudados por esta área.

Segundo a mesma autora, foi a partir do trabalho intitulado “Introducción a la Linguística Aplicada” (1973), de autoria de Corder, que esta vertente da linguística se fundamentou na área de ensino de LE, sendo o primeiro arcabouço para que esta

disciplina se formasse, enquanto campo teórico vinculado a prática de ensino/aprendizagem de LE.

Assim, a Linguística Aplicada inseriu-se na Espanha graças aos esforços de alguns professores universitários de “filología inglesa” (nos anos 50 e 60), segundo Santos Gargallo (2004), ao sentirem-se impelidos a demarcarem os estudos entre o ensino de LM e LE, isto ocasionou a tomada de ações que contribuíram para o desenvolvimento desta área e, posteriormente, o desenvolvimento de materiais didáticos, como publicação de revistas especializadas, associações de professores, seminários.

No Brasil, a Linguística Aplicada está se constituindo como área de investigação, sendo um campo de estudos recente estando, pois, associada aos estudos de língua materna, bilinguismo etc. Esta disciplina começou a ser tratada em nosso país, há pouco tempo. Para Moita Lopes (1996, p. 18), ela começou a ser tratada em 1978, por Mary Kato no “Encontro de Linguística da PUC-Rio”. Foi a partir deste encontro que se começou a pensar nos caminhos que levavam a esta corrente de estudos no Brasil. De tal modo, pensar nesta disciplina em nosso país é pensar em teóricos como: Almeida Filho, Celani, Kleiman, Moita Lopes, entre outros, que abriram as portas para que esta disciplina começasse a ser investigada.

No Brasil, esta disciplina se expandiu a partir de alguns programas, entre eles: Programa de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, em 1970), posteriormente Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), estes estudos não param e hoje a Linguística Aplicada dispõem de vários colaboradores. Como podemos ver, esta disciplina cresce a cada dia e ganha espaço como área de investigação, outro ponto importante foi à criação da Associação de Linguística Aplicada no Brasil (ALAB), nos anos 90. Segundo Soares:

Dentre as várias áreas de atuação do linguista aplicado brasileiro, podemos citar, no campo pedagógico, o ensino em língua estrangeira e em língua materna e a formação do docente, além de áreas como o estudo do bilinguismo na população indígena. (SOARES, s.d, p. 13).

Sendo assim, vemos em que áreas a linguística aplicada vêm se destacando para conseguir resultados satisfatórios ao se pensar em aprendizagem de línguas no

Brasil. De forma geral, a LA ganhou notoriedade e ampliou sua área de investigação, tanto no Brasil como no mundo.

Cabe a ela o árduo trabalho de investigar como ocorrem certos fenômenos linguísticos decorrentes da comunicação, como também que fatores estarão envolvidos neste processo, como motivação, interferência causada pela Língua Materna e pela Língua Estrangeira, relacionados ao ensino, que repercutem na aprendizagem de língua.

A Linguística (teórica) deu origem a várias vertentes entre estas a Linguística Aplicada, que hoje é consolidada como ciência autônoma, responsável por investigar como se processa os problemas decorrentes da aprendizagem de uma língua. Todavia, a partir dos estudos chomskianos formulou-se mais tarde o termo competência comunicativa, cunhada por Hymes, responsável por mudar o foco da aprendizagem de língua, concebida a partir do envolvimento de diversos fatores que contribuem para a aprendizagem, sendo esta voltada para o desenvolvimento da competência comunicativa do aprendiz que deseja aprender uma Língua Estrangeira.

Retornando, então, para os pressupostos da Linguística Aplicada vemos como esta é responsável por apontar e trabalhar os aspectos didáticos - metodológicos presentes no ensino de língua estrangeira, com questões referentes ao processo de aprendizagem e fornecendo, assim, subsídios para o docente ao apontar alternativas metodológicas, como também mostrar e identificar problemas na aprendizagem de uma língua. É de suma importância lembrar que disciplinas como a Linguística Aplicada não surgiram do nada, mas obtiveram status de ciência a partir de inquietações surgidas, de discussões a respeito de certos problemas surgidos no contexto de linguagem.

Então, neste contexto de envolvimento da mesma, apontaremos um dos pontos chaves para que o ensino/aprendizagem de uma língua materna ou estrangeira seja eficaz, que é a motivação. Sendo esta o estímulo necessário para que o aprendiz tenha um bom desempenho ao aprender uma língua, possibilitando ao mesmo aprender de forma significativa. Este ensino significativo só será possível se houver disposição por parte do aprendiz. Então, é necessário não só uma conscientização por parte do aluno, mas do professor também que deve incentivar o aluno, trabalhar de forma que o mesmo se sinta motivado, instigado a realizar qualquer tarefa, sendo também um dos pontos abordados pela LA, ao referir-se à aprendizagem de LE. Isto

pode ser evidenciado pelas palavras de Santos Gargallo: “Cuanto mayor sea la motivación, mejor será su actitud hacia el proceso y, por lo tanto, más elevado será su rendimiento y el nivel alcanzado de competencia comunicativa” (SANTOS GARGALLO, 2004, p. 25).

Esta afirmação de Santos Gargallo mostra que a motivação é um dos pontos a serem alcançados pelo aluno, pois é este estímulo que faz com que o aprendiz adquira significativamente a língua estrangeira, ao sentir-se o mais próximo possível da comunidade de falantes. Assim, ao ensinar o professor deverá ter em mente que o espanhol por ser uma língua muito próxima ao português pode levar o aluno a acreditar no mito da “língua fácil” (citado por Santos), que não precisa estudada, entretanto o professor deve desmistificar essa ideia e incentivar o aluno para que o mesmo consiga adquirir verdadeiramente esse idioma.

Sendo assim, vemos como é imprescindível o direcionamento motivacional do professor ao aluno, ou seja, a atitude do professor frente ao aluno, para que haja êxito na aprendizagem e, portanto, permita ao aluno alcançar um nível de competência comunicativa, que será desenvolvida a partir da interação, do contato com a língua estudada. O termo competência comunicativa, citado, irá designar o conhecimento ou a habilidade adquirida pelo falante/ouvinte para usar determinada língua. De acordo com Cenoz [s.d], a competência comunicativa: “[...] es uno de los conceptos más importantes en lingüística aplicada, tanto en el estudio de la adquisición de segundas lenguas como, a un nivel más práctico, en la enseñanza de lenguas” (p. 449). Assim, vemos como este termo é importante ao se falar em aquisição/aprendizagem de línguas.

Além disso, é de concordância de vários teóricos que só o conhecimento de estruturas, de regras gramaticais não é suficiente para que haja comunicação, mas o uso a partir de determinadas situações pode levar o falante a adquirir (aprender) eficazmente uma língua. Então, após o desenvolvimento de vários métodos de ensino como: método tradicional, método audiolingual, na tentativa de achar uma ferramenta que ajudasse ao aluno aprender uma língua surge o método comunicativo, ou melhor, enfoque comunicativo que dá respaldo para aquilo que se procurava para a aprendizagem de línguas, pois o mesmo possui como meta possibilitar ao aluno aprender de forma significativa, utilizando, para tanto, o ensino a partir de funções, ou seja, ensinar como se encaixa tal estrutura em um diálogo, no dia-a-dia, etc.

Portanto, este conceito de competência comunicativa é importante porque, segundo Cenoz [s.d], é a base para o aparecimento de muitos outros estudos vinculados ao ensino/aprendizagem de línguas, sendo assim, parte dos estudos da LA, ao investigar em que consiste a aprendizagem da língua, quais fatores (destrezas) estão envolvidas em tal processo, e como se dá o ensino de uma língua.

Concluindo, a Linguística Aplicada foi, por muito tempo, considerada por muitos como uma mera disciplina incapaz de produzir seu próprio material teórico, limitando-se a aplicar conceitos de outros ramos teóricos. Mas, a partir de alguns estudiosos (como Soares, Leffa, Moita Lopes, Santos Gargallo) vemos como esta disciplina recebe merecidamente sua condição de ciência autônoma, que se apoia em conceitos de outros campos, o que a constitui como disciplina interdisciplinar, que busca soluções para questões práticas do dia-a-dia, todas relacionadas à aprendizagem de LE, questões estas que não se limitam a sala de aula, mas que vai além do contexto escolar. Como podemos observar nesta afirmação:

Nossa especialidade é justamente essa diversidade que é o estudo da língua não como uma entidade abstrata na cabeça do indivíduo, mas como um instrumento de uso para a comunicação entre as pessoas em diferentes contextos. A diversidade é nossa especialização. (LEFFA, [s.d], p. 4).

A Linguística Aplicada não é mais uma mera disciplina dependente da linguística, ou que se limita a estudar somente questões relacionadas à língua materna ou língua estrangeira, mas nas palavras do próprio Leffa [s.d], esta disciplina “[...] vai muito além dos muros da universidade [...]” (p.14). Lidando, assim, com problemas práticos do dia-a-dia, com o contexto vivido pelo aluno, sendo estes relacionados às demandas do nosso mundo globalizado. É assim que ela se constitui ajudando a solucionar estes problemas, buscando respostas para estas questões que se apresentam no nosso cotidiano.

CAPÍTULO II - ENFOQUE COMUNICATIVO E ANÁLISE DE ERROS

2.1 Envolvimento Teórico/Prático

Para entendermos o que é um ensino comunicativo e, assim, desenvolvermos nossa pesquisa à luz do enfoque comunicativo faz-se necessário entendermos o que é competência comunicativa, que é apontada por Cenoz [s.d] como: “[...] un concepto dinámico que depende de la negociación del significado entre dos o más personas que comparten hasta cierto punto el mismo sistema simbólico” (p. 452). Portanto, o autor afirma que a competência comunicativa é o conhecimento que um aprendiz adquire de uma língua não só em termos gramaticais, mas o contexto, as destrezas que este indivíduo utilizará para conseguir se apropriar de uma língua.

Então, dentro deste conceito de competência comunicativa se inclui não só um conhecimento do sistema linguístico, mas a capacidade de usar este conhecimento de forma eficaz, dentro de uma situação comunicativa real. Sendo assim, para falarmos do enfoque comunicativo começaremos definindo o que é um enfoque, que nas palavras de Almeida Filho é “[...] un conjunto armónico de planteos teóricos, principios e incluso creencias todavía no verificadas sobre lo que es lenguaje/segunda lengua/lengua meta, sobre lo que es aprender lenguas/otras lenguas y sobre lo que es enseñar lenguas [...]” (1993, p. 498). Em outras palavras, um enfoque é mais abrangente que um método, visto que este atinge ações, materiais didáticos, técnicas etc, para conseguir êxito no ensino/aprendizagem de uma língua.

Deste modo, vemos que o enfoque comunicativo diz respeito a uma série de atividades, técnicas, materiais e objetivos destinados ao ensino de uma língua estrangeira. Enquanto que um método é mais restrito limitando-se a ser uma ferramenta de ensino. Autores como Richards e Rodgers (2001), afirmam que tanto americanos como britânicos veem o ensino comunicativo como um enfoque que é altamente abrangente e que incluiu em seu corpus o desenvolvimento das quatro destrezas ou habilidades linguísticas como essenciais ao ensino de uma LE. Ressaltando que estas destrezas são: compreensão auditiva, expressão oral, compreensão leitora e expressão escrita. E estas devem ser trabalhadas de forma integrada, pois uma completa a outra, é o desenvolvimento destas quatro destrezas que possibilitarão ao aluno aprender significativamente uma língua.

O enfoque comunicativo surgiu nos anos sessenta, com o intuito de promover um ensino comunicativo objetivando o desenvolvimento da competência

comunicativa, criada por Hymes, e o desenvolvimento de um ensino que desse maior atenção à necessidade do aluno, ao contexto vivido pelo mesmo. Segundo Richards & Rodgers: “[...] La teoría de Hymes definía lo que un hablante necesitaba saber para tener competencia comunicativa en una comunidad lingüística [...]” (2001, p. 73). Desta forma, o enfoque comunicativo veio suprir a carência dos métodos anteriores (tradicional, audiolinguístico, etc) e mostrar uma nova perspectiva ao aprendiz, já que o objetivo deste é comunicar-se na língua alvo. Deste modo, esse enfoque se desenvolveu a partir dos estudos de alguns teóricos, que trataremos mais à frente, insatisfeitos com a postura assumida pelos métodos anteriores (como já mencionei), assim, resolveram buscar soluções para os problemas apresentados por estas posturas de ensino, passando a investigar a língua não como um código, mas como um conjunto de realizações comunicativas infinitas.

Estes teóricos ao adotarem este caráter comunicativo da língua deram acesso à competência comunicativa, vista por este enfoque como indispensável ao aprendizado de uma língua, como podemos observar nesta afirmação: “[...] Se consideró necesario para la enseñanza de idiomas centrarse más en la competencia comunicativa que en el simple conocimiento de las estructuras[...].” (RICHARDS & RODGERS, 2001, p. 67). Podemos notar que a competência comunicativa tem um importante papel dentro deste enfoque, buscando assim um ensino significativo para o aprendiz.

Foi a partir dos esforços de alguns teóricos britânicos (como Wilkins, Widdowson, Candlin, Brumfit, Conselho da Europa), entre outros citados por Richards & Rogers (2001), que o enfoque comunicativo alcançou seu máximo desenvolvimento sendo bastante difundido em livros, escolas e representou um distanciamento dos velhos métodos que defendiam um ensino centrado no professor, no qual o aluno não tinha oportunidade de se envolver em diálogos, em situações comunicativas para desenvolverem tal competência, o ensino era centrado basicamente na repetição e memorização de formas linguísticas. O enfoque comunicativo surgiu para quebrar esse paradigma de ensino. Segundo estes autores:

[...] Los defensores tanto americanos como británicos lo ven como un enfoque (y no un método) que pretende hacer de la competencia comunicativa la meta final de la enseñanza de lenguas y desarrollar procedimientos para la enseñanza de las cuatro destrezas lingüísticas, a partir de la interdependencia de la lengua y la comunicación. Su amplitud lo

hace diferente de cualquier otro enfoque o método [...] en cuanto a su ámbito de aplicación y su condición [...] (RICHARDS & RODGERS, 2001, p. 69).

Neste sentido, o ensino comunicativo ganhou respaldo teórico e se consolidou como um enfoque que trabalha com o uso integrado das quatro destrezas, como também fazendo uso dos componentes funcionais juntamente com os gramaticais, pois os alunos também trabalham de forma conjunta, em grupos ou parcerias. Este enfoque defende por um ensino integrado entre: professor/aluno, aluno/aluno, função/conteúdo, compreensão e expressão oral e escrita, além dos elementos culturais indispensáveis ao ensino de qualquer língua estrangeira. São estes elementos entre outros que fundamentam esse enfoque.

Ao fazerem um contraste entre o método audiolinguístico e o enfoque comunicativo Finocchiaro e Brumfit (1983, apud RICHARDS & RODGERS, 2001, p. 70) postulam que ao se aprender ou ensinar uma língua “[...] Lo más importante es el significado[...]”. Deste modo, o mais importante para este enfoque é o significado que damos as funções linguísticas e não a forma, assim, aprender uma língua significa “aprender a comunicar-se”, ou seja, aprender a desempenhar funções relativas à linguagem, ao cotidiano e não se baseiam somente em questões gramaticais. O professor possui o papel de mediador, facilitador da aprendizagem, como também o aluno é responsável por seu próprio aprendizado, a aula é um espaço para testar os conhecimentos dos aprendizes. O “erro” passa a fazer parte do aprendizado indicando o grau de conhecimento do aluno. Como os próprios autores afirmam “El objetivo fundamental es la fluidez y un dominio aceptable de la lengua: la corrección no se considera en abstracto, sino dentro de un contexto” (RICHARDS & RODGERS, 2001, p. 71).

Assim sendo, este é um ponto importante para esta investigação, pois mostra como este enfoque valoriza acima de tudo a fluidez, ou seja, o domínio eficaz da língua estrangeira. Como também, mostra como deve ser trabalhada a correção que diferentemente de alguns métodos, que a consideravam indispensável ao se aprender uma língua, recebe um novo tratamento segundo as diretrizes do enfoque comunicativo, podendo existir se estiver associada a um contexto, por exemplo: o aluno pode errar e pode ser corrigido por tal erro, mas não de forma descontextualizada, ligada apenas a uma estrutura verbal, mas pelo contrário tem-se

que mostrar em que contexto aquilo pode ser dito ou escrito para que o aluno não volte a cometer o mesmo erro, já que os próprios aprendizes são responsáveis por seu aprendizado, devendo buscar o aprimoramento de seus conhecimentos a partir de pesquisas, da negociação de sentidos que pode ocorrer entre os próprios colegas, entre o professor, devendo sempre buscar respostas para suas dúvidas. Estes são alguns pontos que mostram a diferença existente entre esse enfoque e os demais.

Segundo DejuánEspinet: “[...] no existe un «método comunicativo» (...) lo que existe es un movimiento, un enfoque comunicativo en la enseñanza de las lenguas (1997, p. 11). A autora completa afirmando que existem muitas controvérsias ao se falar em ensino comunicativo. Uma das primeiras metas deste enfoque, que vai além de um simples método, é privilegiar o uso da língua em contraposição ao simples estudo de formas linguísticas, o que este enfoque privilegia é o conteúdo, mais especificadamente, o sentido ocasionado através do estudo por meio de funções comunicativas. Tendo em vista sempre que este conteúdo deve estar inserido em um contexto comunicativo.

Com isto, não estamos dizendo que este enfoque rechaça os conteúdos gramaticais, mas que estes são associados a uma determinada situação que requeira o uso, a interação entre os falantes. Ressaltando que este enfoque trabalha conjuntamente as quatro destrezas linguísticas, além de promover a integração de várias outras que são fundamentais ao se aprender uma língua estrangeira. Como podemos observar em documentos regularizadores do ensino de E/LE (espanhol como língua estrangeira), como o Marco Comum Europeu, O cens, Recens que orientam o ensino a partir das destrezas (falar, ouvir, ler e escrever), pois são as chaves para que o aprendiz desenvolva sua aprendizagem em LE, levando o aprendiz a adquirir proficiência na LE. Assim, como diz DejuánEspinet: “En un enfoque comunicativo el desarrollo de estas cuatro destrezas lingüísticas adquiere una importancia explícita e integrada” (1997, p. 15). Pois, qualquer atividade que façamos no dia-a-dia requer o uso destas destrezas, por isso, em classe o aluno deve sentir-se motivado a participar ativamente de atividades que requeiram um desenvolvimento destas habilidades, que assim contribuirão para o aperfeiçoamento linguístico do aluno na língua estudada. Sem contar que é papel do professor possibilitar o surgimento de tais situações em sala, e que devem ser baseadas em

contextos reais de uso, ou seja, o aluno deve estar exposto a amostras reais de uso. DejuánEspinete nos diz que:

Una de las aportaciones del enfoque comunicativo a la enseñanza de idiomas es la creación de situaciones para la expresión en el aula que, aun limitando en cierta manera el lenguaje, son comunicativas en tanto que crean el vacío de información que existe en la vida real de manera que el alumno tenga la necesidad, el deseo de comunicar algo (1997, p. 17).

Portanto, a partir dos pressupostos deste enfoque, o aluno se sentirá impelido a participar de tais situações e mesmo sem perceber buscará o conhecimento (gramatical) acumulado em seu cérebro para atuar eficazmente em um contexto comunicativo, fazendo uso, assim, dos conteúdos aprendidos. Deste modo, o aprendiz fará o uso criativo da nova língua, de acordo com o enfoque comunicativo. Segundo a mesma autora, DejuánEspinete, “[...] La premisa que creemos más importante en el enfoque comunicativo, porque engloba las anteriores, es la de estar centrado en el alumno [...]” (1997, p. 18). Pois tudo é pensado, planejado, de forma que possibilite ao aluno adquirir essa nova língua.

Partindo disto, podemos pensar em como este enfoque defende a correção tendo em vista o aluno e a AE. Segundo DejuánEspinete:

[...] Las actividades de autocorrección y reflexión lingüística contribuyen también a esta formación. El profesor puede contribuir a ello explicando el porqué de sus actividades y aportando materiales que interesen a sus alumnos, dando así vida al libro de texto y al aprendizaje de un idioma (1997, p. 18).

Portanto, fica claro que neste enfoque é priorizado a autoavaliação e a reflexão como indicadores do processo de aprendizagem. Pois, a atividade corretiva indicada por este enfoque visa o desenvolvimento da autoavaliação sobre os problemas encontrados no processo de ensino. Ao professor cabe a tarefa de ajudar o aluno a solucionar estes problemas, tanto professor quanto aluno devem participar ativamente deste fazer didático.

Vale salientar que o enfoque comunicativo possui, assim como a LA, um caráter interdisciplinar, ao englobar em seu corpus várias disciplinas, tirando destas o essencial para a sua formação, como mostra Santos Gargallo (2004, p. 68). Entre estas disciplinas estão a psicolinguística, que contribui com o conceito de autonomia presente neste enfoque; a etnografia da fala, que desenvolveu o conceito de

competência comunicativa; a sociolinguística, que parte da ideia de variação linguística, entre outras disciplinas que contribuem ou contribuíram para o desenvolvimento deste enfoque. Santos Gargallo (2004, p. 49) mostra ainda que: “[...] el término enfoque se refiere al conjunto de las diferentes teorías sobre la naturaleza del lenguaje y las distintas aproximaciones al proceso de aprendizaje/adquisición de una lengua extranjera, en otras palabras, hace referencia al componente teórico del método [...]”. Em outras palavras isto se refere à abrangência atingida por esse enfoque, que se utiliza de vários componentes para lograr um bom desempenho comunicativo na sala de aula. Este possui várias tendências, sendo que a diferença existe somente na aplicação dada a cada tendência, como afirma Santos Gargallo: “[...] Estas aplicaciones reciben las siguientes denominaciones: enfoque comunicativo, enfoque por tareas y enfoque comunicativo moderado” (2004, p. 71). Assim, não iremos nos deter à apresentação de cada aplicação deste enfoque, restringiremos-nos a mostrar sua aplicação de forma geral, ao utilizar-se da competência comunicativa.

Em face de tudo isto, podemos constatar que muitos são os “métodos” de ensino considerados infalíveis ao ensino/aprendizagem de língua. Assim, cabe aqui esclarecermos que um método deve abranger todas as dimensões de ensino/aprendizagem. Por isso, a LA vem aclarar como surgiu e o que pregam cada método além de contribuir com o ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. Há uma infinidade de métodos, cada um apresenta-se como o mais adequado para aprendizagem de uma língua estrangeira, como também mostram os inúmeros meios didáticos que se encontram à disposição dos docentes e discentes, para facilitar o ensino. Deste modo, vemos como hoje há uma procura pelo melhor método, que assegure um ensino eficaz. Almeida Filho, um dos grandes linguistas brasileiros, assegura que:

[...] Os métodos comunicativos têm em comum uma primeira característica – o foco no sentido, no significado e na interação propositada entre sujeitos na língua estrangeira. O ensino comunicativo é aquele que organiza as experiências de aprender em termos de atividades relevantes/tarefas de real interesse e/ou necessidade do aluno para que ele se capacite a usar a língua-alvo para realizar ações de verdade na interação com outros falantes-usuários dessa língua [...] (ALMEIDA FILHO, 2008, p. 36).

O grande interesse desse enfoque é desenvolver no aluno a capacidade de usar a língua significativamente. Almeida Filho, no seu livro as “Dimensões comunicativas no ensino de línguas”, explora o significado de ser comunicativo e mostra que “[...] ser comunicativo significa preocupar-se mais com o próprio aluno enquanto sujeito e agente no processo de formação através da LE [...]” (2008, p. 42). Pois, o papel do professor neste enfoque é levar o aluno ao compreender a língua estrangeira, passando a observar questões pertinentes a motivação, inibição, como causas que ajudam ou interferem no aprendizado do aluno. Além disso, o mesmo autor sugere para uma postura comunicativa “[...] a representação de temas e conflitos do universo do aluno na forma de problematização e ação dialógica [...]” (ALMEIDA FILHO, 2008, p. 43), que serão representativos da postura comunicativa de aprender e ensinar LE. Assim, ensinar língua tendo em vista o aluno exigirá do professor ao avaliar, segundo critérios comunicativos, assegurar:

[...] a avaliação de rendimento e proficiência de funções comunicativas e elementos do discurso dentro de eventos de fala/escrita que o aluno controle na forma de descrição de desempenho comunicativo do que se pode fazer, ao invés de meras notas numéricas (ALMEIDA FILHO, 2008, p. 43).

Neste sentido, segundo o enfoque comunicativo a avaliação ocorre por meio de ações que valorizem o aluno, enquanto sujeito ativo e participante do evento discursivo ou escrito, na interação ocorrida na sala de aula seja com o professor, com os colegas ou pessoas que favoreçam a interação na língua alvo. Não sendo priorizado neste enfoque a mera aplicação de notas como forma de recriminar ou premiar o aluno por seu desempenho.

Para Almeida Filho:

O ensino comunicativo é aquele que não toma as formas da língua descritas nas gramáticas como o modelo suficiente para organizar as experiências de aprender outra L mas sim aquele que toma unidades de ação feitas com linguagem como organizatórias das amostras autênticas de língua-alvo que se vão oferecer ao aluno-aprendiz (2008, p. 47).

Sendo assim, um ensino comunicativo deve focar com ações que visem um aprendizado ligado a práticas de uso autênticas, no qual o aluno pode experimentar amostras reais encontradas no seu cotidiano. Sendo que isto não equivale tão

pouco a abolir a gramática da sala de aula, mas usá-la de acordo com a situação imposta, requerida, na sala de aula.

Desta forma, vale salientar os pressupostos que regem este enfoque dentro dos atuais requisitos para um ensino comunicativo. Para Roque (s.d., p. 26), um ensino comunicativo é aquele que dentro da sala de aula trabalha conjuntamente o ensino e a aprendizagem de forma que um complete o outro, pois professor e aluno podem troca experiências, o diálogo é construído a partir daquilo que é próximo ao aluno havendo, pois, uma negociação de sentidos entre ambos participantes do evento comunicativo. Neste contexto, é requerido do aluno autonomia nas escolhas realizadas, desta forma cada participante envolvido no ensino/aprendizagem é responsável pelo seu próprio conhecimento, não significando, pois, que se deva negligenciar o ensino. Ambos, professor e aluno possuem suas parcelas de responsabilidades, já que são encarregados de negociarem o sentido previsto na situação imposta na sala de aula.

Para completar o sentido de um ensino comunicativo, podemos nos basear nesta afirmação:

Desta forma, a característica marcante da Abordagem Comunicativa, que a diferencia com mais nitidez dos métodos anteriores, é a ênfase no significado e no uso da língua. Assim, a definição dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula parte da perspectiva da realidade comunicativa, que apresenta uma variedade de possibilidades relacionadas às situações comunicativas, ao léxico e às estruturas lingüísticas utilizadas para trabalhar um determinado conteúdo funcional [...]. (BOAS, VIEIRA& COSTA, [s.d.] p.8)

Portanto, cabe aqui ressaltarmos o que este enfoque defende com mais veemência, que é um ensino voltado para o uso e o significado, ou seja, um ensino voltado para a necessidade do aluno e não só isto, mas um ensino que defende a interação dentro da sala de aula. Não deixando é claro de enfatizar um ensino que valorize as práticas socioculturais da língua estrangeira, já que a cultura é um meio de conhecer um povo, bem como suas idiossincrasias, como defende a competência sociocultural, que como sabemos não se limita apenas à aquisição da competência comunicativa.

Ao começarmos uma investigação em LE, faz-se necessário entendermos o que é a AE e qual o envolvimento teórico/prático com a LA, bem como sua participação e influência no enfoque comunicativo. Assim, iremos abordar um pouco da trajetória desta corrente investigativa.

2.2- A Análise de Erros e o Ensino de Língua

Muitos de nós talvez já nos deparamos com situações dentro da sala de aula, enquanto alunos, que passamos por uma situação constrangedora ao sermos punidos ou corrigidos por um erro cometido na língua alvo. A análise de erros surge para mostrar que o erro é sinalizador do estágio, que está situado o aprendiz de uma língua.

A partir dos estudos gerativistas, nos anos sessenta, surge o modelo investigativo denominado de Análise de Erros, que segundo Santos Gargallo (1993, p. 75) foi introduzido pela primeira vez por Corder, significando um progresso na área da LA. Deste modo, essa corrente se desenvolveu como um modelo que está entre a análise contrastiva e os posteriores estudos sobre interlíngua².

Assim, Análise de Erros surge embasada nos pressupostos dos modelos da teoria da aprendizagem de segunda língua, sendo este um modelo investigativo que ressalta o tratamento dado ao erro do aluno. Neste sentido, vemos que a AE não descarta a LM, mas a vê como parte importante ao se aprender uma língua. Portanto, se pode ver que nem todos os erros cometidos pelo aprendiz decorriam da LM, mas havia vários fatores que incidiam na aprendizagem, interferências estas de várias procedências como cansaço, desmotivação, fatores afetivos etc, que influenciavam tal processo.

Então, foi a partir dos estudos corderianos, que os estudos nesta área passaram a ver os erros a partir da produção tanto oral quanto escrita do estudante, ressaltando que este modelo sofreu uma modificação em seus objetivos. A respeito deste modelo, Santos Gargallo afirma que:

El modelo ha evolucionado y cambiado sus objetivos a lo largo de su corta historia; de predecir y explicar tipologías de errores basadas en taxonomías gramaticales, se pasó a estudiar los efectos pragmáticos en el oyente y a valorar los errores en función de su efecto comunicativo [...]. (1993, p. 77).

²A análise contrastiva é uma corrente investigativa que se ocupa em contrastar as duas línguas estudadas, no caso a LM e a LE, para assim, prever quais os tipos de erros mais frequentes no processo de aprendizagem de língua estrangeira. E interlíngua é um sistema desenvolvido pelo aprendiz de LE, estando entre a LM e a LE, não sendo nem uma nem outra.

Santos Gargallo demonstra em seus estudos que o erro pode ser positivo, quando é visto como indicador da aprendizagem, ou negativo, quando é classificado pelo professor apenas como uma desviação da norma linguística. Por isso, esta autora afirma que: “Los errores evidencian y caracterizan un sistema de lengua que no es el de la lengua nativa ni el de la que se está aprendiendo, y son sistemáticos [...]” (1993, p. 78).

Portanto, estes erros mostram o grau de aprofundamento na língua estudada, sem contar que eles são frequentes e a não superação destes acarretam uma língua que não é nem a LM nem a LE, sendo denominada de interlíngua por alguns teóricos. Em uma versão tradicional à AE somente recolhia dados sobre os erros desde uma perspectiva gramatical, não havia a preocupação, um estudo que priorizasse a reflexão e, conseqüentemente, a explicação sobre eles. Porém, a partir de vários estudos reconheceu-se a necessidade de reformular o modelo inicial de AE, assim, Corder o faz de acordo com os pressupostos comunicativos, ao incluir na AE, além da competência gramatical, a competência comunicativa. Usando, para tanto, estes princípios para tentar solucionar os erros surgidos no processo de aprendizagem, tendo sempre em vista o desenvolvimento da competência comunicativa. Deste modo, Santos Gargallo diz que: “[...] Un análisis de errores debe proceder de manera que evalúe la competencia comunicativa del estudiante, incluyendo nuevos criterios de índole pragmática y semántica” (SANTOS GARGALLO, 1993, p. 88).

Em virtude disto, nos apoiaremos nestas palavras de Santos Gargallo ao assegurar que uma Análise de Erros deve objetivar o desenvolvimento da competência comunicativa ao compreender que:

[...] El término de «competencia comunicativa» hace referencia a la habilidad del estudiante, no sólo para producir frases gramaticalmente correctas desde el punto de vista de la norma lingüística, sino frases apropiadas al contexto comunicativo en que han sido producidas [...] (SANTOS GARGALLO, 1993, p. 88).

De tal modo, pretende-se não só fomentar no aluno o desenvolvimento de uma competência gramatical, mas também comunicativa, que leve em conta o contexto do aluno, como já discutimos. Portanto, a definição de erro ganha proporções seguidas de uma orientação comunicativa.

Sendo assim, Enkvist (1973 apud SANTOS GARGALLO, 1993, p. 88) propõe três critérios para valorizar a gravidade do erro cometido pelo aprendiz, partindo do ponto de vista da competência comunicativa, são eles: gramaticalidade, que se refere à relação entre uma oração e sua gramática; aceitabilidade, relaciona-se com a oração dada e os juízos de valores emitidos pelo ouvinte, e adequação, que se refere à transmissão de significado em um contexto. São estes critérios que definem a escala de gravidade de um erro e, portanto, podem ocasionar a falta de sentido de um enunciado ou mensagem.

Assim, Söhrman (2007, p. 68), à parte das várias discussões sobre a AE, acrescenta que o importante é destacar que nem sempre o objetivo do professor coincide com o objetivo do aluno, gerando, assim, desconfortos visto que cada um possui um objetivo pessoal. O importante é verificar quais são os objetivos do aprendiz, o que ele pretende com tal estudo, evitando desse modo um ensino descontextualizado, sem significado e, para isto, é importante a adequação do conteúdo a necessidade do aprendiz, como define um enfoque comunicativo. Em outras palavras, é preciso que o docente motive e busque meios que ajudem o aluno a sentir-se motivado a estudar a língua estrangeira. Deste modo, o aprendizado torna-se mais significativo a partir da necessidade do aprendiz, por isso é importante que o professor tente descobrir o que impulsiona seus alunos. Para o docente o conhecimento e o trabalho a partir das dificuldades do aluno podem resolver problemas de aprendizagem, sendo um recurso de reflexão dentro da sala de aula.

Como já foi falado e, afirmado mais uma vez por Santos: “[...] o ‘erro’ passa a ser interpretado como um sinal de que o aluno está aprendendo, como indício das hipóteses que o aluno constrói sobre a gramática da língua estrangeira a partir do contato com ela” (2005, p. 43). Isto confirma que o erro pode ser visto sob um novo olhar, como um sinal da aprendizagem, já que aprendemos a partir das hipóteses que criamos e testamos.

Segundo Durão (2005, p. 130), cabe ao professor “[...] buscar conocer los tipos de errores sistemáticos más frecuentes, así como las fuentes que los provocan [...]”. Deste modo, é imprescindível que o professor conheça seu aluno, mas não só isto que descubra o que causa tais erros e, tente trabalhá-los de forma que enriqueça o aprendizado do discente, já que muitas vezes o erro é causado pela interferência da língua materna.

Além disso, Santos Gargallo (em um trabalho denominado de “El análisis de errores en la interlengua del hablante no nativo”), expõe que:

[...] los errores han de ser considerados como elementos característicos de la interlengua del que aprende una L2/LE; son inevitables, ya que el proceso de aprendizaje es activo y creativo, es decir, conlleva la formulación de hipótesis y la comprobación o refutación de las mismas; y son necesarios, puesto que denotan que el proceso se está llevando a efecto (SANTOS GARGALLO, [s.d.], p. 394).

Desta forma, os erros produzidos por um aprendiz de língua estrangeira mostrará como está se processando a aprendizagem da língua, não devendo ser vista de forma negativa, mas pelo contrário deve mostrar a necessidade do aluno de testar suas hipóteses, sobre o funcionamento da LE. A autora afirma que estes erros são inevitáveis, já que o aprendizado se constrói ativamente, criando e testando hipóteses, ao mostrar as várias formas de se aprender. Então, porque não concordar com ela que os erros sempre existirão e farão parte da aprendizagem? . O erro faz parte do processo de formular e reformular ideias, conceitos e atitudes, então porque não usá-los como uma ferramenta que ajude não só o professor, mas também os alunos.

Segundo Santos Gargallo [s.d]:

[...] el método de análisis de errores presenta características de los paradigmas cuantitativo y cualitativo, ya que, por un lado, estudia la recurrencia numérica de errores y establece una jerarquía de dificultades y, por otro lado, describe, explica y evalúa la cualidad de los mismos para llegar a un conocimiento profundo de los procesos psicológicos subyacentes y para que estos procesos puedan ser contrastados con los procedimientos didácticos. (p. 399).

Assim, vemos que a AE por um lado estuda a ocorrência dos erros e mostra numericamente o grau de dificuldades de tais erros e por outro lado, descreve, explica e avalia a qualidade dos mesmos para se chegar a um conhecimento destes processos.

Para completar a autora afirma que:

Si el objetivo del que aprende se centra en el logro de una competencia comunicativa en una lengua diferente a la materna, habremos de tratar los errores a fin de que su capacidad de producción y de comprensión sea adecuada al contexto y correcta en relación con el sistema de normas de la

lengua meta. No obstante, el grado y nivel de corrección que nos propongamos vendrá determinado por los objetivos y necesidades de los alumnos y por los requerimientos del contexto académico en que se lleve a cabo la instrucción; así, el futuro profesor, traductor o intérprete, a modo de ejemplo, deberá contar con un manejo de la lengua que incluya la corrección gramatical. (SANTOS GARGALLO, [s.d] p. 407).

Neste sentido, a autora defende a ideia de que mesmo que o objetivo do aprendiz seja desenvolver uma competência comunicativa na língua alvo, ou seja, se comunicar nesta língua, o professor deve proceder de forma que garanta ao aprendiz conseguir tal objetivo, mas nem por isso deve deixar de trabalhar os erros do aluno. Pelo contrário, a correção deve se fazer presente neste processo, o que deve mudar é a forma como é corrigido estes erros e isto dependerá de qual concepção ou objetivo possui o professor sobre a língua. Se o professor possui clara a ideia de que para o aluno o mais importante é desenvolver a capacidade comunicativa, deverá zelar não só pela boa desenvoltura e fluência linguística, mas também pelo funcionamento da língua a partir do conhecimento das regras que regem seu funcionamento.

Sendo assim, a AE é um instrumento que favorece o ensino/aprendizagem de língua, devendo ser voltado para o tratamento dado a estes erros, e a superação destes para que não se fossilizem, ao estacionar em algo que nem é a língua materna nem a língua estrangeira, mas que possibilite ao aluno se mover na LE usando adequadamente a língua de acordo com o contexto surgido. Ela nos mostra ainda a necessidade da correção gramatical, que deve ser apresentada como um instrumento não de coerção, mas de negociação, de construção do conhecimento.

Para o professor, é importantíssimo conhecer o processo de aprendizagem do seu aluno, pois, o mesmo poderá atuar didaticamente de forma que ajude seu aluno a superar tais erros, e isso, só ocorrerá se o professor tomar conhecimento deles e verificar como e porque ocorrem. Fernández López (1995) acrescenta que: “En términos generales se considera «error» a toda transgresión involuntaria de la «norma» [...]”. (p. 204). Assim, tradicionalmente o erro era visto apenas como um desvio da norma linguística, hoje após os estudos da AE tenta-se ver e trabalhar estes erros como parte do processo de ensino.

O erro, ao ser estudado, logo se associa à noção de interlíngua, que como já falamos é um estágio entre a LM e a LE. Ele ganha uma conotação negativa se associando a um ensino tradicional, que não reconheça o aluno como o centro do

processo de ensino, assim, o erro será visto como um atraso na aprendizagem. A correção deste erro, segundo uma orientação tradicional será rígida, visto que cobrará do aluno quantitativamente a falha ocorrida, correção esta que será muitas vezes ineficaz. O professor frequentemente desconhece que é através destes erros que o aluno aprende a reestruturar suas hipóteses na língua alvo.

Conforme Santos Gargallo (1993, p. 91) a AE procura em seus estudos identificar os erros mais ocorridos nas produções dos aprendizes tanto escritas quanto orais, para mostrar a importância e gravidade destes erros. Tendo o intuito de identificar as áreas de dificuldades mais ocorridas na aprendizagem de uma língua estrangeira.

Assim, mostraremos os tipos de erros mais estudados pela AE, nos basearemos nas definições propostas por Durão (2005) e Santos Gargallo (1993). Há diferentes tipos de erros e são classificados segundo os critérios: descritivo, pedagógico, etiológico-linguístico, gramatical e comunicativo.

A respeito do critério descritivo o erro é aquele que afeta a estrutura da oração com ausência de morfemas, adição ou falsa colocação de uma palavra ou morfema desnecessário, uma formação errônea de uma frase usando um destes critérios anteriores e falsa seleção quando são usadas palavras ou morfemas em contextos inapropriados.

Quanto ao critério pedagógico, os erros podem ser: transitórios, quando fazem parte do processo de aprendizagem e são superados pelos aprendizes; e permanentes, quando se fossilizam e se mantêm na estrutura da interlíngua do aprendiz.

O critério etiológico-linguístico é aquele que se baseia no conceito de transferência linguística é classificado como: erros intralinguísticos e interlinguísticos, o primeiro reflete dificuldades de aprendizagem na própria LE e podem ser: de simplificação, de generalização, induzido ou produção excessiva. O segundo, interlinguísticos, são aqueles causados pela interferência da LM com a LE.

O terceiro é o critério gramatical que mede a competência gramatical do aprendiz, através de seus conhecimentos sobre a gramática.

O quarto critério é o comunicativo, que diz respeito à obtenção da competência comunicativa do aprendiz. E são classificados como: erros globais ou locais, os erros globais são aqueles que afetam toda a oração enquanto que os locais são aqueles que causam dano à mensagem, mas que não impedem o sentido da

oração. Deste modo, estes são os critérios utilizados pela AE para estudar os erros, quando surgem no processo de aprendizagem de uma LE.

Retomando novamente o que foi discutido anteriormente, a AE surgiu, segundo Santos Gargallo (1993, p. 99), em consonância com os primeiros estudos sobre o enfoque comunicativo, que objetiva a interação, o desenvolvimento da competência comunicativa. Assim, conforme Santos Gargallo:

[...] Estamos hablando de la enseñanza de la lengua oral, de la presentación de diferentes registros, de la introducción de la lengua materna en tanto en cuanto sirva para una mejor asimilación de los procesos gramaticales, de la práctica de la expresión escrita y de la detección de los errores para eliminar posible interferencias. El enfoque comunicativo no supone un rechazo de lo anterior, sino una reevaluación más seria y comprometida con las necesidades reales de los discentes. (SANTOS GARGALLO, 1993, p. 101).

Enfim, vemos nesta afirmação que o enfoque comunicativo utiliza-se de muitos destes critérios discutidos anteriormente para conseguir uma aprendizagem eficaz na LE. Desta forma, compreendemos que ele usa como ferramenta aquilo que contribua de forma positiva ao bom desempenho do aprendiz. Usando, para tanto, aquilo que acrescentará ao seu corpus dados plausíveis para que o aprendiz possa utilizar ao aprender uma língua. Tudo isto de modo reflexivo, buscando desenvolver no aluno a autorreflexão.

Para nosso estudo sobre a correção do “erro” sob um direcionamento comunicativo, nos limitaremos a identificar estes problemas e, conseqüentemente, a verificação de como o professor pode proceder em uma sala de aula de corte comunicativo. Tais erros serão detectados em produções escritas, no caso redações, nos utilizaremos das tipologias dos erros de acordo com os critérios apresentados só como valor ilustrativo, pois verificaremos apenas como estas produções podem ser corrigidas, de acordo com o enfoque comunicativo, assunto este que trataremos na próxima seção.

Para concluirmos nossa explanação sobre o conceito de erro, desenvolvido por Corder, iremos nos basear nesta afirmação de Fernández López:

Desde el punto de vista didáctico, la valorización del error como paso obligatorio en el aprendizaje ha conllevado la pérdida de miedo al error y a la consideración que se hacía de él casi de «como un pecado». Los enfoques comunicativos de la enseñanza de lenguas, han recogido esta

actitud, incitando al aprendizaje a ensayar sus hipótesis en situaciones de interacción auténtica. (Fernández López, 1995, p. 207).

Portanto, nada mais justo que propiciar ao aluno espaço para que ele possa testar suas hipóteses sobre a língua estrangeira, não tendo que temer se receberá uma “punição” por algum erro que venha a ocorrer no processo de aprendizagem, pois, todos farão parte do processo e negociarão o significado conjuntamente. Assim, é imprescindível para o tratamento dos erros mais frequentes a utilização de um método adequado, que estimule a participação, o diálogo em sala para que o aluno possa testar suas hipóteses sobre a língua estudada.

**CAPÍTULO III- CORRIGIR FRENTE UMA PERSPECTIVA
COMUNICATIVA**

Para iniciarmos nossa discussão sobre os processos de escrita, nos basearemos nas ideias de Calkins (1989, p. 32). Para ela, o processo de escrita leva um tempo já que é composto por etapas: ensaio, esboço, revisão e edição. Etapas estas que preparam o escritor para escrever um bom texto. Ninguém começa a escrever do nada, sempre partiremos de algo e vamos modificando, retirando ou acrescentando até obter um bom texto. Pois, o texto não deve ser um produto acabado, mas flexível, sujeito a alterações. Deste modo, inserimos através desta ideia de texto inacabado a ideia de reescrita, responsável por proporcionar ao aluno a oportunidade de modificar, de ser um crítico do seu próprio texto através da reescrita.

Assim, Calkins (1989, p. 33) afirma que “[...] é de grande utilidade pensar na escrita como um processo de diálogo entre o escritor e o texto que deverá surgir [...]”. Acrescentamos que este diálogo não deverá ocorrer apenas entre o escritor e o texto, mas proporcionando a interação, a troca de conhecimentos entre o texto, o professor e o aluno. Sujeitos estes indispensáveis para a negociação do sentido dentro da sala de aula e isto corrobora com a proposta do enfoque comunicativo, ao valorizar um ensino interativo.

Portanto, para Calkins (1989): “[...] a revisão é essencial, para o processo de escrita: [...] a escrita nos ajuda a desenvolver o pensamento precisamente porque permite que revisitemos nossos primeiros pensamentos [...]” (p. 34). Deste modo, destacamos duas palavras que são importantíssimas para o processo de escrita que são: revisitemos e primeiros pensamentos, estas palavras nos remetem a voltar a ver e, isto se dá no contexto de ensino a partir do feedback, que passa a fazer parte deste processo de escrita, que associamos aqui à reescrita, ao trabalho dos “erros” cometidos a partir da revisão do que foi visto pelo aluno. A reescrita será uma alternativa para superar o erro cometido pelo ele.

Para isto, utilizaremos dos conceitos de escrita apresentados por Fiad e Mayrink-Sabinson, pois elas postulam que:

[...] a linguagem é construída pela interação entre os sujeitos, entendemos que, na modalidade escrita da linguagem, essa construção envolve momentos diferentes, como o de planejamento de um texto, o da própria escrita do texto, o da leitura do texto pelo próprio autor, o das modificações feitas no texto a partir dessa leitura (FIAD & MAYRINK-SABINSON, 1991, p. 55).

Assim, observamos que a escrita possui processos a serem seguidos, que na verdade envolve o conceito anterior de Calkins (1989), como também o conceito de reescrita, que ocorre após a escritura do texto. Fiad & Mayrink-Sabinson, mostram que é neste processo de modificação, de reescrita, que ocorre a interação a partir dos momentos apresentados por ela, como planejamento, escrita, leitura e releitura, que ocorre a reescrita.

Para as mesmas autoras:

[...] a escrita é uma construção que se processa na interação e que a revisão é um momento que demonstra a vitalidade desse processo construtivo, pensamos a escrita como um trabalho e propomos o seu ensino como uma aprendizagem do trabalho de reescritas [...] (FIAD & MAYRINK-SABINSON, 1991, p. 55)

Deste modo, a reescrita passa a fazer parte deste processo de melhora ou “limpeza do texto”. Para nossa investigação, a reescrita significa a oportunidade de acompanhar o desempenho dos alunos que escreveram textos propostos por nós, tendo como finalidade sugerir a partir das correções feitas nestes textos o procedimento adotado a partir de um enfoque comunicativo e, até mesmo, a reação de cada aluno a partir da reescrita.

3. 1 Correção e reescrita

Para o desenvolvimento deste tópico nos embasaremos nas contribuições teóricas de Ruiz (2001) por acharmos esclarecedoras para este trabalho. Apesar desta autora direcionar sua investigação à correção em língua materna, achamos importante e aplicável os conceitos defendidos por ela, para a correção em língua estrangeira.

Assim, ao discutirmos sobre correção devemos ter em conta o lado do professor e o lado do aluno, já que ambos possuem papéis diferentes neste processo de correção. O professor é aquele que vai de certa forma verificar a aprendizagem do aluno e isto pode ser obtido ao corrigir as produções dos alunos e através de avaliação formativa.

O aluno é aquele que produzirá e aguardará a correção do professor para observar se cometeu ou não algum erro, então verificando isto com o auxílio do professor e de materiais de pesquisa poderá consertar seu erro. Deste modo, a partir da reescrita este aluno poderá melhorar seu trabalho, seu texto.

Portanto, o trabalho do professor é mostrar para os alunos que a correção é um instrumento que pode ajudá-los em sua aprendizagem. Pois, “[...] a mediação do professor é um dos fatores determinantes do sucesso que o aluno possa ter em seu processo de aquisição da escrita [...]”, conforme Ruiz (2001, p. 14).

Deste modo, a mediação do professor através da correção é um meio para que o aluno possa desenvolver a escrita em uma LE. Assim, o professor atua de forma que melhore o desempenho do aluno. A correção aqui não será vista apenas como um fim em si mesma (como afirma a autora citada, p. 15) sem oferecer oportunidade para que o aluno revise seus erros, mas pelo contrário esta correção visa o desenvolvimento do aluno, assim, o professor terá a tarefa de indicar ao aluno por onde ele deve melhorar e o aluno, conseqüentemente, procurará melhorar sua aprendizagem.

Cabe ao professor enfim “[...] a tarefa de correção como alavanca propulsora de um processo que continua, necessariamente, no próprio aluno, com a retomada de seu texto” (RUIZ, op.cit, p. 16). Sendo assim, a correção segundo a autora, funciona como um incentivo para que o aluno melhore e aprenda com seu erro, que neste caso é possibilitado pela reescrita. É por ela que o aluno mostra seu empenho por melhorar e ser um bom aprendiz de Língua Estrangeira.

Este enfoque trabalha por funções ao priorizar o conteúdo ao invés da forma, ao propiciar situações em que surja a interação dentro da sala de aula, nos utilizaremos assim da correção que como afirma a autora citada pressupõe que:

[...] textos escritos não surgem do nada, que atividades de leitura, discussões e debates sobre temas variados e configurações textuais variadas são condição necessária para que os alunos tenham efetivamente estratégias para dizer o que têm a dizer em seus textos [...] (RUIZ, 2001, p. 22).

Portanto, para que o aluno possa produzir de forma coerente é necessário possibilitar, ao mesmo, condições para que seu texto possa surgir, com a utilização de materiais autênticos, sendo tarefa do professor procurar mostrar ao aluno estes

materiais, como defende o enfoque comunicativo, que possam ajudar o aluno a escrever coerentemente seu texto.

Por conseguinte, a correção é segundo Ruiz: “[...] o texto que o professor faz por escrito no (e de modo sobreposto ao) texto do aluno, para falar desse mesmo texto” (2001, p. 27). Sendo assim, é a atividade feita pelo professor de detectar erros encontrados no texto do aluno e, conseqüentemente, a indicação para que o aluno possa trabalhá-lo. Deste modo, se o texto possui um sentido incompleto ou um erro que prejudique a compreensão do mesmo é, pois, tarefa do professor detectá-lo para que o aluno possa trabalhá-lo. Sendo, pois, o que afirma RUIZ “[...] o trabalho de correção tem por objetivo de chamar a atenção do aluno para os problemas do texto” (2001, p. 47).

Muitas vezes nós como leitores proficientes não enxergamos o erro, mas o professor a partir de seu olhar crítico identifica e dá oportunidade para que o aluno modifique e aprenda com o mesmo. A aplicação no texto corrigido de expressões como bom, muito bem, ok, são segundo a mesma autora marcas positivas ao demonstrar que o aluno não só erra, mas também acerta sendo tarefa do professor mostrar isso também como forma de motivá-lo.

De acordo com Ruiz (op. cit., p. 50), existem quatro tipos de correções que o professor pode recorrer para corrigir redações, que são: a indicativa, a resolutive, a classificatória e a textual-interativa. Sendo, as mais usuais a indicativa e a resolutive, que podem ser feitas no corpo, na margem ou no pós-texto (sequência do texto do aprendiz). Estratégias estas que refletem a tentativa do professor de indicar ao aluno o trabalho de reflexão do mesmo, ao reescrever o texto.

A correção indicativa, pelo próprio nome, é aquela que aponta os erros cometidos pelo aprendiz e são indicados pelo professor que circunda, sublinha a palavra mal escrita ou marca um x no local onde ocorreu o erro, como de pontuação, ou por sinais acompanhados de expressões breves (seta) que indicam a ocorrência problemática do erro. Em conformidade com Ruiz, a correção indicativa “[...] não altera o texto, somente indica o local das alterações a serem feitas pelo aluno” (op. cit., p. 55). Assim, a reescrita segundo cada tipo de correção dependerá da postura adotada pelo professor, pois a reescrita realizada pelo aluno segue as indicações (as reformulações) sugeridas pelo professor. Muitas vezes o professor está mais interessado em dar a resposta ao aluno, do que levá-lo a compreender e a buscar ele próprio a solução para o erro, como comenta Ruiz. Deste modo, iremos

comentar como ocorre a reescrita a partir da postura corretiva adotada pelo professor. No caso da correção indicativa a reescrita pode muitas vezes não corresponder a proposta do professor, pois para Ruiz (op. cit.) o aluno pode não entender a proposta do docente, pode se recusar a fazer a reescrita ou não saber revisar o seu texto, dificultando assim, a reescrita, pois, este tipo de correção se limita a indicar o erro. Mas, por outro lado, possibilita ao aluno procurar repostas para o problema indicado, sendo em muitos casos esclarecedora para o aluno.

A correção resolutiva, por sua vez, consiste na tentativa do professor de sanar com todos os erros encontrados no texto, que como afirma Ruiz (2001): “[...] é uma tentativa de o professor assumir, pelo aluno, a reformulação de seu texto, [...] a saber: substituição, adição, supressão e deslocamento [...]” (p. 56). Deste modo, este tipo de correção leva o professor a refazer o texto do aluno, um trabalho de reescrita que deveria ser feito pelo próprio aluno. Ao passo que o aluno já recebe o texto com as devidas soluções para os erros, não contribuindo assim para a busca do mesmo pelo conhecimento. Este tipo de correção pode ser feita na margem ou no pós-texto. A autora mostra que muitas vezes a correção indicativa não resolve o problema do aluno, ao somente apontar os erros, por outro lado, a correção resolutiva não incentiva a busca pelo conhecimento do aluno. Na correção resolutiva, ao reescrever o aluno se limita apenas a copiar o que o professor alterou, não havendo uma reflexão sobre aqueles problemas detectados. Ruiz (2001, p. 78) afirma que: “Na verdade, o professor que resolve os problemas do texto mostra-se interessado muito mais em dar a solução para o aluno do que em levá-lo a pensar na possível solução”. Não há um esforço, portanto, por parte do aprendiz em refazer seu texto, em refletir sobre eles.

Outro tipo de correção é a classificatória. Esta busca classificar por símbolos (letras, abreviações) os tipos de erros cometidos, evitando assim a dúvida sobre que tipo de erro foi cometido na escrita. E, geralmente, é feita à margem do texto sendo também a menos usual. Segundo Ruiz (op. cit): “[...] Em geral, são utilizadas as letras iniciais de um termo metalinguístico referente à natureza do problema em questão [...]” (p. 61). Deste modo, a correção pode dificultar a reescrita do aluno, pois o mesmo pode não compreender os símbolos empregados pelo professor, como: A para indicar acentuação, ou CN indicando concordância nominal. Além de outros símbolos, que podem dificultar o entendimento do aluno ao fazer a reescrita.

O quarto tipo de correção é a textual-interativa que consiste em [...] comentários mais longos do que os que se fazem na margem, razão pela qual são geralmente escritos em sequência ao texto do aprendiz [...] (RUIZ, 2001, p. 63). Estes comentários são uma espécie de bilhete no qual há a troca de informações entre professor e aluno, em um trabalho conjunto (interativo) de revisão, servindo para elogiar ou criticar algum problema, ou atitude. Este tipo de correção revela certo grau de proximidade/afetividade entre ambas as partes e atua como uma forma alternativa de resolver problemas detectados na redação do aluno, e que não bastaram apenas os tipos de correções apontados anteriormente.

Portanto, na correção textual-interativa, Ruiz (op. cit.) afirma que [...] em resposta às demais espécies de correção, pude observar que há uma nítida diferença entre eles (p. 88). Para ela, este tipo de correção foge totalmente das demais, já que esta trabalha com bilhetes e para ela há sempre uma resposta por parte do aluno.

Em um trabalho de reescrita pode ocorrer também problemas ocasionados pelas indicações feitas pelo professor. O aluno pode não querer executar a tarefa de revisão do professor ou não encontrou a solução para tal erro.

Vemos, assim, que os tipos de correções indiretas (como mencionou Alexopoulou) propiciam ao aluno uma espécie de reflexão, onde professor e aluno iniciam o processo de revisão. Assim, de acordo com Ruiz:

[...] as correções indicativa, classificatória e textual-indicativa são construídas sob um patamar diferenciado: o do nível metalinguístico, que toma o texto redacional como referência, não como matriz a ser parafraseada. (RUIZ, 2001, p. 99).

Deste modo, diferentemente de uma correção resolutiva, que não há um esforço por parte do aluno para refazer seu texto, na indicativa, na classificatória e na textual-interativa o aluno inicia um processo de revisão, tendo a primeira versão como referência para refazer seu texto. Processo este que exige do aluno uma releitura do texto original e pesquisa, para assim refazer a reescrita. Neste tipo de correção o professor corrige tendo em vista o outro, o aluno e sua voz no texto. Diferentemente da correção resolutiva que anula a voz do aluno dentro do texto.

Porém, ao corrigirmos temos também que pensar em como trabalhar os erros dos alunos. Assim, a reescrita oferece ao mesmo a oportunidade de rever o erro e,

consequentemente, aprender sobre ele, pois ao reescrever o aluno pode melhorar a primeira versão de seu texto. Ruiz (op. cit.) afirma que:

Quando o aluno refaz, reescreve, reelabora, reestrutura, retextualiza, enfim, revisa o próprio texto, em função de uma correção escrita pelo professor, a nova versão consiste, geralmente, numa reescrita de todo o texto (p. 75).

Assim, a correção feita pelo professor possibilita ao aluno refazer o texto. E ao ser detectado o erro pode ser tratado a partir da reescrita, sendo uma amostra da tentativa de acerto do aluno, que no caso de uma língua estrangeira, pode sofrer influência da língua materna ou dela mesma sendo, pois, uma interferência que alguns autores chamam de interlíngua.

Portanto, há uma diferença entre a correção resolutiva e a demais, como a mesma autora afirma, pois na resolutiva só o professor reflete sobre o erro. Enquanto, que nas outras tanto o professor quanto o aluno refletem sobre o erro havendo uma interação entre os envolvidos. Pois, como assegura Ruiz (op. cit.) [...] o professor pressupõe explicitamente essa presença do outro em seu discurso, trazendo-o para dentro dele (...) (p. 101). Deste modo, há nestes tipos de correções uma espécie de jogo entre o professor e o aluno, para assim, se compor o texto.

Trazendo tudo isto para a postura metodológica adotada pelo professor, vemos que ao lançar mão do enfoque comunicativo o mesmo deveria agir de forma que possibilitasse ao aluno vê o erro cometido como parte importante do processo de aprendizagem, possibilitando ao mesmo refletir, construir o significado do texto, visando a competência comunicativa até mesmo ao se tratar de produções escritas.

Enfim, Ruiz (op. cit.) considera que: “A linguagem codificada é, pois, a tentativa, na prática, de o professor superar as barreiras do tempo, sempre tão curto, para a tarefa de correção” (p. 238). Assim, é nesta tentativa de superar as barreiras do tempo que o professor tentará fazer com que a correção faça sentido para o aluno fazendo valer sua prática. Deste modo, o problema está na concepção de linguagem adotada pelo professor. Sendo que, o mesmo deve adotar uma concepção que valorize a interação, bem como o aluno como sujeito participativo do processo de linguagem, seja escrito ou oral.

Com relação a expressão escrita, Fernández López (1995) afirma que o mais preferível seria adotar uma postura que valorizasse a interação, deste modo ela assegura que:

[...] En relación con la comunicación escrita, lo primero es reaccionar como interlocutores, no como correctores, sino distorsionamos el mismo proceso de aprender a escribir en la L2, luego podemos proponer una corrección, lo más interactiva posible – de forma que el alumno tenga posibilidad de plantearse la duda, buscar, etc – y centrada en lo que está trabajando. (FERNÁNDEZ LÓPEZ, 1995, p. 212).

Desta forma, é evidente que se o professor utiliza um método comunicativo, a correção sendo escrita ou oral deverá levar em conta o aluno e a situação em que ele está inserido. No caso da correção da expressão escrita visa levar o aluno a perceber o erro e, conseqüentemente, trabalhá-lo para que o mesmo não venha a fossilizar-se, tornando-se repetitivo. Em conformidade com as palavras de Fernández López: [...] La acción didáctica debe llevar al aprendiz a ser consciente del problema, para ponerlo en situación de analizar la causa y reorganizar sus hipótesis [...] (p. 212). É importantíssimo ressaltar que a correção deve se adequar a situação na qual o aluno está inserido.

Mas, apoiados em autores como Ruiz (op. cit.), acreditamos que a correção pode ser eficaz, ao ser um instrumento de colaboração com a aprendizagem do aluno, que trava uma espécie de debate entre o texto e o aluno. A correção é eficaz para ambos, porque evidencia os pontos em que eles podem melhorar.

O problema está em como o professor exerce a prática corretiva, limitando-se apenas em marcar os erros e não trabalhando com os mesmos, de nada adiantará, pois ele estará apenas seguindo os modelos tradicionais. Conforme assegura Alexopoulou:

[...] para que la práctica correctiva resulte provechosa y deje de ser una actividad frustrante para aprendientes y profesores, deberíamos cuestionarnos sobre la eficacia de los métodos tradicionales de corrección, de forma que podamos convertirla en un instrumento útil y parte esencial e inseparable del proceso de aprendizaje [...]. (ALEXOPOULOU, 2005, p. 107).

Portanto, o problema da correção ainda resulta dos velhos modelos tradicionais, sendo importante a adoção de um modelo de correção que se adeque a um método e que valorize o aluno e o processo de aprendizagem.

Para isto, é necessário segundo Alexopoulou (2005, p. 108), fazemos uma distinção entre corrigir e avaliar. Assim, avaliar seria uma forma mais geral de emissão de valor, ao medir quantitativamente a competência do aluno. Para ela,

corrigir seria uma forma de reduzir e remediar os erros, evitando, assim, seu aparecimento. Outro conceito bastante importante é o de feedback, que pode ser negativo ou positivo, este conceito é importante porque possibilita ao aluno rever o erro e, conseqüentemente, possibilita ao aluno detectar e solucionar o erro cometido.

Segundo Alexopoulou (2005, p. 114), a correção é importante para o aluno e deve “[...] estimular la autocorrección y fomentar la participación y corresponsabilidad del estudiante en el proceso de aprendizaje [...]”. Sendo assim, se a correção instiga a autocorreção do aluno e o pensamento crítico, então, está cumprindo seu papel de ajudar o aluno a melhorar seu desempenho na LE.

A correção seguida da reescrita possibilita ao aluno refletir sobre os erros cometidos. Deste modo, estamos em consonância com as palavras de Alexopoulou, ao afirmar que:

[...] la revisión forma parte del proceso de redacción. Comparar las dos versiones de un mismo texto puede llegar a ser sumamente útil tanto para el profesor como para el estudiante, y se puede convertir en el mejor instrumento para aprender de sus propios errores. (ALEXOPOULOU, 2005, p. 118).

Portanto, a reescrita pode ser útil tanto para o professor quanto para o aluno ao ser um instrumento de verificação da aprendizagem. Alexopoulou (2005) afirma que há dois tipos de correções: direta ou indireta, que comparando com os tipos de correções indicadas por Ruiz (2001), são basicamente os mesmos tipos de intervenção. A correção direta indica a presença do erro e dar a solução (Alexopoulou, p. 119), descartando a participação do aprendiz. Na correção indireta, como é o caso da classificatória, da indicativa e da textual-interativa, o professor aponta o erro, sendo tarefa do aprendiz de buscar a resposta para aquele problema.

Desta forma, Vásquez (1999, apud ALEXOPOULOU (2005), p. 122) afirma que: “[...] Es imprescindible que exista una armonía entre enfoque, técnicas (estrategias didácticas) y corrección [...]”. Assim, nos basearemos nisto, para afirmar que a correção é viável quando colabora com a aprendizagem do aluno, ao instigar o pensamento crítico do mesmo e propiciar um nível aceitável de proficiência na LE. Além de exercer um papel importante ao conectar-se ao método utilizado.

Portanto, é de suma importância trabalhar com o enfoque comunicativo visto que ele proporciona ao aluno a incorporação do mesmo em um contexto

comunicativo real, em situações que envolvam o aluno, inserindo-o na cultura do outro.

Enfim, o papel do professor é procurar a maneira mais adequada em que se encaixe seu aluno, como também incentivar a autonomia do mesmo. Sendo assim, Alexopoulou afirma que:

La corrección debe ser un recurso didáctico destinado a favorecer el aprendizaje, desde una actitud positiva y constructiva. (...) El profesor debe guiar a sus alumnos en la ardua tarea de la corrección de sus producciones erróneas tratando de adecuar su modelo de intervención correctiva a los objetivos, al método y a las necesidades particulares de los protagonistas del proceso, es decir, los propios aprendientes. (ALEXOPOULOU, 2005, p. 123).

A correção deve possibilitar ao aluno a construção do conhecimento, a partir da reflexão do erro cometido. Cabe, pois, ao professor adequar seu método e objetivos a necessidade dos mesmos. Deste modo, a motivação possui um papel muito importante neste processo. Enfim, apoiadas ainda em Santos Gargallo seguimos com nosso propósito de que a correção com um fim em si mesma, não leva a nada, porque não gera conhecimento para o aluno.

Contudo, Tardin ao discutir sobre o comunicativismo, afirma que:

[...] a ênfase na tarefa comunicativa e o significado de seus elementos para o aprendiz reformulam o conceito de intervenção pedagógica na construção do conhecimento da L2. O papel do método deve ser o de ajudar o aluno a construir o novo conhecimento em relação ao que já possui. Nesse sentido, aprender especificidades distintas de uma capacidade (o domínio da língua materna) da qual o aprendiz já dispõe (...). (TARDIN, 2007, p. 293).

Deste modo, enfatizamos o papel do método utilizado pelo professor, pois o mesmo deve levar em conta o aluno. Para assim, ambos, professor e aluno, se ajudarem na árdua tarefa de aprender.

Ao falarmos de aprendizagem entra em cena outro fator responsável pela dinâmica em sala de aula que é a motivação. A respeito disso, Tardin considera que:

A sala de aula tem de ser um ambiente prazeroso onde o aluno se envolve e participa na dinâmica de negociação que facilite ao aprendiz trocar conhecimentos em situações comunicativas através da nova língua que a cada dia se desenvolve mais. (TARDIN, 2007, p. 294).

Sendo assim, numa sala de aula comunicativa a disposição das cadeiras, e o ambiente são pensados de forma que valorize a comunicação, e a dinâmica na sala.

CAPÍTULO IV- ANÁLISE DOS DADOS

A escrita é um instrumento de acesso à aprendizagem de qualquer língua. Em virtude disso, escolhemos esta destreza para realizarmos nossa investigação sobre a correção do erro sob um ponto de vista comunicativo, pois dentre as destrezas: falar, ouvir, ler e escrever, indicadas para o aprendizado em língua estrangeira, a escrita é mais visível à permanência da atividade corretiva, para realizarmos esta pesquisa. Nosso objetivo foi identificar e, posteriormente, sugerir que tipo de correção seria mais indicada para um professor usar ao adotar uma postura comunicativa. Para isto, coletamos algumas produções escritas por alunos do 4º período de Letras, habilitação em Língua Espanhola, do turno diurno e noturno, Campus VI. E, iremos trabalhar com a reescrita como meio de verificar o desempenho desses alunos.

Para verificarmos como o professor pode trabalhar a correção de produções escritas de um modo que não repita apenas um modelo tradicional, mas que seguindo uma orientação comunicativa possa lograr êxito ao perceber a correção como algo positivo ao se trabalhar os erros em Língua Estrangeira, ao seguir o enfoque comunicativo.

Assim, observamos que para podermos coletar os dados necessários para este trabalho deveríamos aplicar textos autênticos, como bem postula o enfoque comunicativo, que fossem significativos, para que os alunos pudessem se basear ao escreverem seus textos e, conseqüentemente, reescrevê-los. Sendo assim, pedimos para a professora da disciplina Redação em Língua Espanhola II, do Campus VI, para aplicar os textos que sugerimos aos alunos desta disciplina. A mesma aplicou as redações, mas deixou claro para os alunos que estas redações fariam parte de um estudo. Pois, os temas propostos para as redações não coincidiam com o conteúdo que ela estava trabalhando em sala, que era artigo científico. Não iremos divulgar nem o nome da professora, nem dos alunos. Ressaltamos, assim, a colaboração desta professora.

Deste modo, preparamos dois materiais o primeiro composto por dois textos (que está no anexo A) foi aplicado ao turno da tarde e o segundo (anexo B), foi aplicado ao turno da noite, equivalendo a um total de 22 (vinte e dois) textos. Destes 22 (vinte e dois) textos aplicados, apenas 07 (sete) alunos fizeram a reescrita. Isto evidencia a falta de interesse de muitos aprendizes ao terem que reescrever seus textos. Mas, por outro lado, devemos ter em mente que estes alunos talvez não tenham se sentido a vontade ou motivados para reescreverem seus textos.

Os textos apresentados tiveram um carácter autêntico, pois foram escolhidos tendo em vista um contexto comunicativo real. Tais textos foram retirados de notícias veiculadas em meios eletrônicos (internet) e retratavam o momento vivido em nosso país, com as eleições, estas notícias foram intituladas de “La honestidad” e “Partidos que apoyan a Lula tendrán el 78% de la Cámara de Diputados” (em anexo A) e o segundo sobre um livro que seria lançado sobre Gabriel García Márquez, que retratava um pronunciamento feito por ele sobre o narcotráfico em seu país (Colômbia), além de outros discursos feitos por ele (em anexo B), e foi aplicado no turno da noite, nosso objetivo foi fazer com que eles compreendessem os trechos lidos e, assim, escrevessem suas opiniões sobre os temas abordados.

Sendo assim, propomos para este trabalho algumas técnicas de intervenção corretiva que foram aplicadas a alunos universitários de Letras/Espanhol. Dentre o observado, detectamos que os erros cometidos pertencem aos níveis: morfológicos, sintáticos e semânticos, entre estes erros estão:

Uso incorreto dos artigos entre eles “lo”, Problemas com a grafia de “m e n” ao final da frase, Confusões com a grafia “b e v”, Emprego de mi e mía, su e suya equivocadamente como também gran e grande, Confusão ao empregar certas palavras, que causaram ambiguidade, etc.

Entre outros erros observados, verificamos quais problemas são frequentes e sugerimos que em outro contexto estes erros deveriam ser trabalhados pelo professor de forma que houvesse um trabalho coletivo entre os alunos e o professor, a partir destes erros detectados poderia ser tirado as dúvidas, de acordo com os pressupostos do enfoque comunicativo que serviu de base para este trabalho. O erro, aqui tratado não tem um carácter negativo, mas mostra apenas que ele pode ser indicativo do processo de aprendizagem do aluno, como Fernández López (1995, p. 207) afirma: “[...] Los enfoques comunicativos de la enseñanza de lenguas, han recogido esta actitud, incitando al aprendizaje a ensayar sus hipótesis en situaciones de interacción auténtica”.

Assim, observamos que muitos dos erros observados decorrem do velho mito de que o Espanhol é uma “língua-fácil”, porque é parecida com o português, mas muitos desconhecem que por detrás desse mito se escondem muitas diferenças que

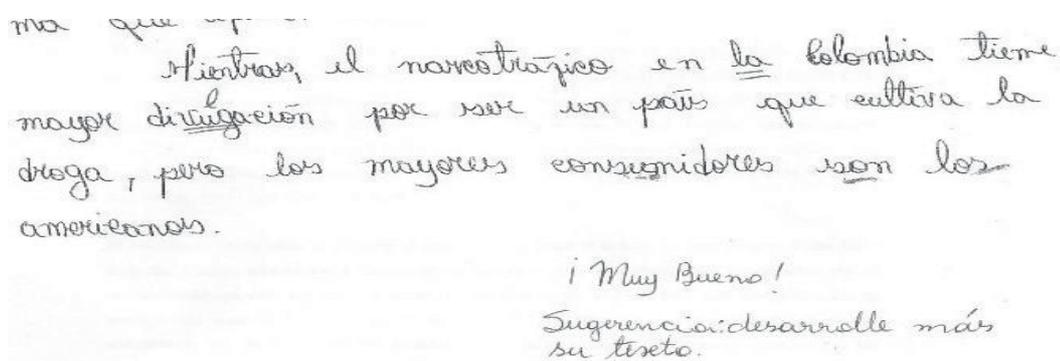
fazem com que o espanhol não seja uma língua tão transparente e fácil como se pensa. Então, para que o próprio espanhol juntamente com a língua materna, não interfira na aprendizagem é necessário a desmistificação desta ideia e o trabalho conjunto entre professor e aluno para sanar estas dificuldades. E, isto, só acontecerá se houver um trabalho de reescrita, conforme defende Alexopoulou [s.d.] ao afirmar que a revisão pode ser um instrumento proveitoso de tratamento do erro.

Assim, detectamos que por mais que haja um trabalho sobre os erros e se use algum método corretivo, senão houver disposição por parte do aluno não adiantará usar qualquer método, o professor também é responsável por ajudar o aluno, neste processo, a superar os problemas enfrentados. Quanto ao aprendiz, ele é agente deste processo e precisa ir em busca de seu próprio conhecimento. Por outro lado, é viável trabalhar com a correção de tipo textual-interativa, porque possibilita ao aluno interagir com o professor. A respeito da correção indicativa, ela é viável ao instigar a reflexão e a busca pelo conhecimento do aluno, como comenta Ruiz (2001), ao aponta ao aluno o local a ser feito as alterações.

De todos os tipos de correções (indicativa, classificatória, resolutive e textual-interativa) que apresentamos, anteriormente, nos detivemos em usar a indicativa e a textual-interativa. A correção classificatória foi pouco utilizada, pois, para que esta ocorresse deveria haver um trabalho contínuo por parte do professor, ao explicar ao aluno todos os tipos de símbolos utilizados ao corrigir, para que assim eles pudessem entender o tipo de erro cometido. Quanto a correção resolutive achamos que esta não contribui para o conhecimento do aluno, pois, como afirma Ruiz (2001) este tipo não acrescenta nada ao aluno, já que só quem reflete sobre o erro é o professor e o aluno se limita apenas a reescrever o que foi modificado pelo professor.

Em nosso processo de correção optamos por indicar os erros e fizemos também pequenas observações sobre o texto. Com relação à correção textual-interativa nos limitamos a escrever sugestões, como: desarrolle más su texto (desenvolva mais seu texto). Em conformidade com as palavras de Ruiz (2001) ao discutir sobre este tipo de correção diz que se trata de comentários escritos no texto do aprendiz, podendo servir para sugerir ou cobrar alguma atividade por parte do aluno, sendo que o aluno pode manter este diálogo (textual) com o professor. Optamos também por usar expressões como: muybien (muito bem), bueno (bom) como forma de motivar os alunos a escreverem e desenvolverem mais seus textos.

A mesma afirma também que a utilização de expressões como estas “bom”, “muito bem” é bastante positiva para o discente. Como podemos ver neste exemplo (texto integral no anexo I):

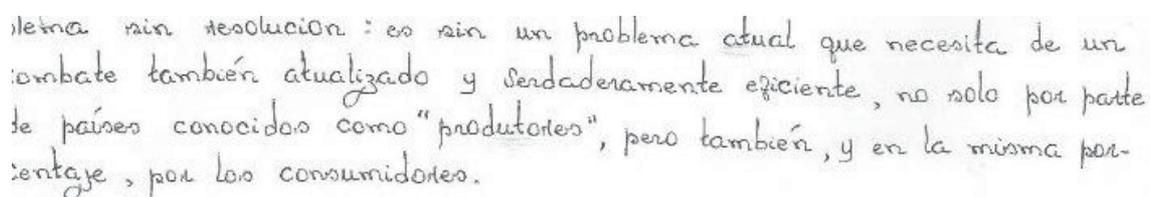


ma que r
Mientras, el narcotráfico en la Colombia tiene
mayor diseminación por ser un país que cultiva la
droga, pero los mayores consumidores son los
americanos.

¡ Muy Bueno!
Sugerencia: desarrolle más
su texto.

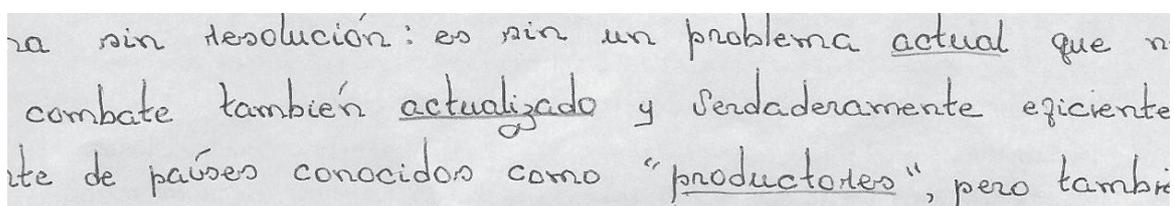
Observamos como se deu a correção e a, posterior, reescrita do texto (abaixo) a partir da indicação e sugestão para que o aluno pudesse melhorar o texto. Utilizamos, para isto, da correção indicativa ao apontar algum erro. Destacamos também que o aluno escreveu um excelente texto. A partir da correção apontamos os erros e o aluno fez um bom trabalho de reescrita mostrando que revisou o texto e buscou respostas para os problemas encontrados. Ao reescrever ele percebeu seus próprios erros e os modificou, sem que precisássemos indicar todos os erros, como podemos observar neste exemplo da 1ª versão (anexo G). Não indicamos que a palavra “atualizado” estava errada.

1ª versão:



letra sin resolución: es sin un problema actual que necesita de un
combate también actualizado y verdaderamente eficiente, no solo por parte
de países conocidos como “productores”, pero también, y en la misma por-
centaje, por los consumidores.

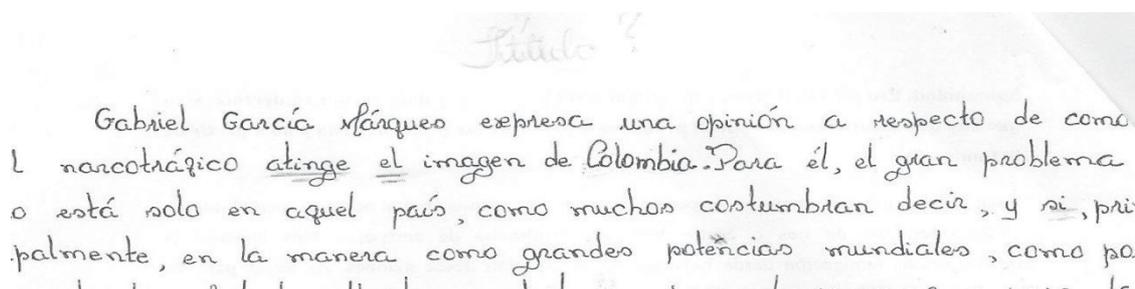
Reescrita:



ra sin resolución: es sin un problema actual que n
combate también actualizado y verdaderamente eficiente
te de países conocidos como “productores”, pero tambri

Mesmo assim, observamos que na reescrita o aluno modificou a palavra atualizado, demonstrando não só o interesse, mas também a dedicação ao revisar o texto e seguir nossas indicações. Este exemplo que segue abaixo é um fragmento do texto acima. Notamos que ao indicarmos um título para o texto o aluno seguiu nossas orientações (anexo G).

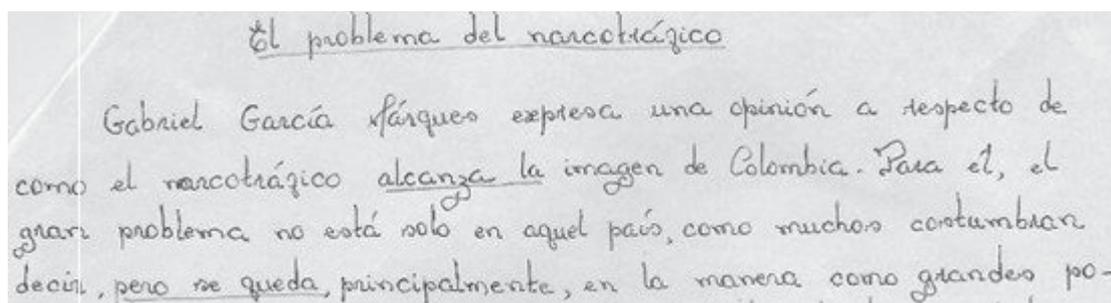
1ª versão:



Título?

Gabriel García Márquez expresa una opinión a respecto de como el narcotráfico atinge el imagen de Colombia. Para él, el gran problema o está solo en aquel país, como muchos costumbran decir, y ni, principalmente, en la manera como grandes potencias mundiales, como po

Reescrita³:



El problema del narcotráfico

Gabriel García Márquez expresa una opinión a respecto de como el narcotráfico alcanza la imagen de Colombia. Para él, el gran problema no está solo en aquel país, como muchos costumbran decir, pero se queda, principalmente, en la manera como grandes po-

No exemplo abaixo, ao utilizarmos da correção textual-interativa notamos que apesar de sugerirmos um título para o texto a aluna não seguiu nossas orientações. Detectamos vários erros que não foram revistos pela aluna. Indicamos alguns problemas, mas a mesma pouco se serviu da revisão, mostrando que não se empenhou em resolver os problemas de seu texto (anexo E).

1ª versão:

³As palavras ou frases sublinhadas na reescrita estão sinalizando a modificação feita pela aluna.

Título
Al analizar esta pequeña frase citada por Gabriel García, ya pude observar que el autor fue claro en su abordaje sobre el narcotráfico, cuando prefirió que no iba hacer ninguno discurso el estaba parafraseando una palabra que realmente hace parte de otro contexto lo refiera, en este momento el hizo una crítica a los gobiernos y autoridades del país.

Reescrita:

Al analizar esta pequeña frase citada por Gabriel García, ya pude observar que el autor fue claro en su abordaje sobre el narcotráfico, cuando prefirió que no iba hacer ninguno discurso el estaba parafraseando una palabra que generalmente hace parte de

No texto seguinte a aluna seguiu a sugestão que propusemos, na correção textual-interativa que está no anexo C, para que a mesma desenvolvesse seu texto, trabalhando um pouco mais o tema. Por outro, detectamos logo no título outro erro que a mesma cometeu ao escrever produto, ao invés de “producto”. Na continuação, a aluna refez e acrescentou mais informações ao texto, o que ocasionou o surgimento de mais erros, mas que evidenciaram a tentativa da mesma de acertar, de testar as hipóteses sobre a língua, a aluna também fez a reescrita no pôs-texto. Exemplificaremos com um fragmento do anexo C.

1ª versão:

título
El narcotráfico es un problema muy grande y complejo, que no tiene solución pero hay como combatir y disminuir el tráfico. Colombia es un país muy conocido principalmente cuando

Reescrita:

El narcotráfico: un producto que vale mucho

El narcotráfico es un problema muy grande que no tiene como acabar. Son muchos los involucrados con eso, pero, que los mayores culpables son aquellos que tienen mucho dinero, muy conocimiento, que vienen de grandes países, como es el caso de Estados Unidos. Ese país es uno de los mayores abastecedores de drogas.

Como podemos observar no exemplo acima da reescrita, a aluna colocou o título como indicamos, mas cometeu um erro ao não revisar a palavra produto, como já mencionamos, e que foi causado pela interferência da língua materna.

Neste outro texto observamos que mesmo na reescrita houve alguns erros. Indicamos e propusemos a solução de um erro ao escrever “y” ao invés de “e” quando a próxima palavra começa com a vogal i, como postula as regras gramaticais da língua espanhola. Mesmo assim, a aluna seguiu escrevendo errado.

Exemplo (anexoO):

1ª versão:

Título?

El autor Gabriel García Márquez, intenta mostrar que solamente a través de la educación, cultura y integración social que tiene un resultado bueno, para así de esta forma tener resultados satisfactorios con los drogadictos pero los únicos culpables es nosotros por no controlar la corrupción y consumir las drogas, personas que intentan hacer algo, mas es difícil por que la industria del

Reescrita:

El Entorpeciente

El autor Gabriel García Márquez intenta mostrar que solamente a través de la educación muy calificada, cultura del país y integración social que tiene un resultado bueno, donde las personas por una vida con salud.

Como podemos ver, a aluna pôs o título como indicamos na 1ª versão, e atingiu o esperado, mas notamos que a aluna continuou escrevendo “y” antes da palavra “integración”. Como podem observar na primeira versão, sublinhamos as palavras que estariam com problemas, mas não houve efeito. Mesmo ao reescrever a aluna continuou usando a mesma palavra errada, como podem ver, sublinhamos e, logo depois, circulamos para ser melhor analisada. A reescrita como estamos sugerindo é um processo de revisão possibilita ao aprendiz e ao professor acompanharem o processo de aprendizagem.

Observamos que na maioria dos textos houve erros e problemas decorrentes de falta de atenção ou pesquisa, em geral os textos foram bons. O objetivo deste trabalho não foi corrigir só por corrigir, mas a partir da identificação destes erros, apontarmos qual seria a melhor forma de tratá-los tendo em vista o enfoque comunicativo. Assim, verificamos que independente do método ou enfoque adotado o professor deve corrigir, pois são a partir dos problemas detectados que podemos trabalhar os erros, decorrentes do processo de aprendizagem. Mesmo adotando uma postura comunicativa podemos corrigir, a diferença está em como o professor trabalha a correção como afirma Alexopoulou. Deste modo, ela defende que: [...]

[...] El profesor debe guiar a sus alumnos en la ardua tarea de la corrección de sus producciones erróneas tratando de adecuar su modelo de intervención correctiva a los objetivos, al método y a las necesidades particulares de los protagonistas del proceso, es decir, los propios aprendientes. (ALEXOPOULOU, 2005, p. 123).

Ao afirmar que a tarefa do professor ao corrigir deve ser a de guiar seus alunos aos erros encontrados, a autora nos mostra que o papel do professor não se limita apenas a apontar o erro, como já mencionamos, mas trabalhá-los, para que eles não se fossilizem. E, complementa afirmando que, para este tratamento é necessário que o professor adeque seu tipo de intervenção corretiva, visando os objetivos, o

método e as necessidades de cada aluno. Pois, os erros serão vistos como sinalizadores do processo de aprendizagem. Ao adotar o enfoque comunicativo o professor trabalha dando ênfase não só a forma, mas também ao significado, levando o aluno a desenvolver a comunicação, seja escrita ou oralmente. Sendo assim, nos embasamos em Alexopoulou ao afirmar que: “La corrección debe ser un recurso didáctico destinado favorecer el aprendizaje, desde una actitud positiva y constructiva” (2005, p. 123). Portanto, a correção pode ser válida sim, mas se contribuir para a aprendizagem do aluno, sendo verificado não só os erros, mas também os acertos dos alunos. Baseados no que vimos, acreditamos que o enfoque comunicativo pode ser o mais indicado para o tratamento destes erros, sem que prejudique o aluno ou o professor, já que ele não promove a desmotivação ao possibilitar um ensino/aprendizagem significativo e funcional, pois, como afirma Alexopoulou (2005) numa prática corretiva o mais importante é “[...] cuestionarnos sobre la eficacia de los métodos tradicionales de corrección, de forma que podamos convertirla en un instrumento útil [...]”. Portanto, a correção pode ser eficaz ao envolver objetivos, método, e principalmente, o aluno neste processo. Sendo isto um dos pontos que defende o enfoque comunicativo.

CONCLUSÃO

Para a realização deste trabalho, utilizamos as contribuições da LA desenvolvida na primeira parte desta investigação, sendo à base de estudos de quase todos os elementos que compuseram este trabalho, já que a Linguística Aplicada pesquisa os problemas que envolvem a linguagem, incluindo em seus estudos o enfoque comunicativo e a Análise de Erros, bem como possui vários estudos que podem auxiliar o professor em seu trabalho didático. No segundo capítulo, tratamos do enfoque comunicativo e da Análise de Erros, que é um campo investigativo que se insere dentro da LA, que trabalha os erros surgidos na aprendizagem de Língua Estrangeira. Todos estes elementos são pontos importantes para a decifração do processo de ensino/aprendizagem de uma LE. Por último, não podemos esquecer que utilizamos como embasamento teórico discussões sobre tipos de correções indicadas para o professor aplicar em produções escritas. Deste modo, nosso objetivo ao utilizar todas estas discussões foi observar qual o tipo corretivo mais indicado para o professor adotar em uma postura metodológica comunicativa. É bem verdade que devemos saber, antes de corrigir, qual é o contexto do aluno e como devemos corrigir para que não continue o velho sistema de repetição de modelos, mas possibilitar ao aluno a construção significativa do conhecimento.

A partir dos textos (ou redações) analisadas, verificamos que os tipos de correções indiretas são mais construtivas para o aluno, pois contribuem para o pensamento crítico e o desenvolvimento da autonomia dos mesmos, que podem tornar-se corretores de seus próprios textos, participando do processo de interação entre o texto, o professor.

Deste modo, a ação corretiva do professor se aliada a um método, como o enfoque comunicativo, que valoriza o aluno como centro do processo de aprendizagem, será válido, pois desenvolverá no aluno a reflexão e a autonomia como sujeito responsável por sua própria aprendizagem. Assim, sugerimos que isto contribui tanto para o professor quanto para o aluno, pois eles saberão quais os erros mais frequentes e que precisam de mais atenção, para serem trabalhados por ambos em um processo conjunto, podendo utilizar para tanto do feedback como ferramenta de ajuda deste processo.

Considerando, pois, os erros desses aprendizes o enfoque comunicativo irá considerá-los como um estágio na aprendizagem (interlíngua). O “erro” passa então a ser produto do contato entre a LM e a LE, sendo assim, o docente poderá proceder de forma que induza o aluno a percebê-lo, através da reescritura, da pesquisa, de trabalhos em grupos (por exemplo: um aluno corrigir o texto do outro aluno e vice-versa) de forma que o aluno desenvolva seu senso crítico e se torne autônomo ao reconhecer seu próprio erro. Assim, a correção será mais funcional, fazendo com que o aluno reflita sobre ele, esta correção se dará sempre dentro de um contexto. Com isto, o aluno fará uso dos componentes gramaticais juntamente com o uso apropriado.

Chegamos à conclusão que o tipo de correção mais indicada para o professor é aquela que possibilite ao aluno, dialogar com o texto, a partir da reescritura. O trabalho do professor também é importante, pois, é papel dele motivar e orientar o aluno. Assim, observamos que a correção textual-interativa é mais relevante para o tratamento dos erros em LE, ao adotar uma postura comunicativa. Em nosso trabalho de análise, observamos também que a correção indicativa, pode ser útil para o professor ao trabalhar com erros, na maioria das redações que analisamos, este tipo se mostrou importante e notamos que a diferença entre estes tipos dependerá da postura adotada pelo docente. Pois, dos tipos de correções apontadas por Ruiz (2001) a que não utilizamos foi a resolutiva, ao anular o aluno do processo de interação entre o texto e o aluno.

Portanto, são estas técnicas aliadas ao senso crítico do aluno que devem ser trabalhados estes erros, levando em conta o enfoque comunicativo, sendo este um processo gradual, reflexivo e que precisa do trabalho conjunto entre professor/aluno.

REFERÊNCIAS

ALEXOPOULOU, Angélica. *Aproximación al tratamiento del error en la clase de E/LE desde la perspectiva del análisis de errores*. [s.d.] Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/588/58804106.pdf>, acessado em: 05/05/10.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *El enfoque comunicativo para enseñar lenguas promesa o renovación en la década del 80? In: Atas do IX Congresso internacional da associação de lingüística e filosofia da América Latina (UFAL) VII*. Campinas: Unicamp, 1993. (p. 497-507).

_____. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 5ª ed. Campinas: SP, Pontes editores, 2008.

BAUTISTA VALLEJO, José M. Estratégias metodológicas e avaliação dos processos de ensino e aprendizagem. In: _____. *Escola aberta e formação de professores: elementos para a compreensão e a intervenção didática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 33-51. (Trad. Orlando dos Reis).

BLANCO PICADO, Isabel. *EL error en el proceso de aprendizaje*. [s.d.] Disponível em: http://www.cuadernos cervantes.com/art_38_error.html, acessado em: 20/05/10.

BATTISTELLA, Tarsila R. Um estudo interpretativista sobre feedback corretivo em contexto formal de ensino. [s.d.] Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tpIRevistaLetras/posgraduacao/strictosensu/letras/revista/3/su/mario/feedback.pdf>, acessado em: 25/10/10.

BORDÓN, Teresa. Panorama histórico Del desarrollo de algunas cuestiones fundamentales en la evaluación de segundas lenguas. In: *La evaluación en la enseñanza de español como segunda lengua / lengua extranjera*, monográfico nº 55 de Carabela, Madrid: SGEL, 2004. [s.d.] Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/921/92100702.pdf>, acessado em: 30/10/10.

BOAS, Carlos H. Souza Vilas; VIEIRA, Dark dos Santos; COSTA, Ivana M. F. Métodos e abordagens: um breve histórico do ensino de língua estrangeira. [s.d.] Disponível em: http://www.ensino.eb.br/artigos/artigo_edu_metodos.pdf.

CALKINS, L. M. Ensinando o processo de escrita: A segunda área de pesquisas. In: *A arte de ensinar a escrever*. [Trad. Deize Batista] – Porto Alegre: Artes médicas, 1989, p. 31-35.

CENOZ, Jasone. El concepto de competencia comunicativa. [s.d.] Disponível em: http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/09/09_0396.pdf , acessado em: 10/07/10.

COSTA, G.S. 2001. Breve histórico da linguística aplicada. [s.d.] Disponível em: <http://www.giseldacosta.com.br/public/2184332-Breve-historico-da-linguistica-aplicada.pdf>. Consulta em: 23/08/10.

COSTA, Hilda R. Saussure, os estudos linguísticos no século XX e a Linguística Aplicada. [s.d.] Disponível em: http://www.ueginhumas.com/revelli/revelli2/numero_2/Revelli_v1_n2_art07.pdf, acessado em: 20/09/10.

COSCARELLI, C. V. *Estratégias de aprendizagem de língua estrangeira: uma breve introdução. Educação e tecnologia*. Belo Horizonte: CEFET-MG, n. 4, 1997, p. 23-29.

DEJUÁN ESPINET, Montserrat. La enseñanza de lenguas extranjeras: consideraciones teóricas. In: *La comunicación en la clase de español como lengua extranjera*. Madrid, 1997, p. 06-22.

DURÃO, A. B. de A. B. Análisis de errores e interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués. Londrina: Editora UEL, 1999, p. 361.

_____. La interferencia como causa de errores de brasileños aprendices de español. In: SEDYCIAS, J. (org.). *O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente, futuro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERNÁNDEZ LÓPEZ, S. Corregir y evaluar desde una perspectiva comunicativa.

[s.d] Disponível em:

http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/01/01_0017.pdf,

acessado em: 04/08/10.

FERNÁNDEZ LÓPEZ, S. *Errores e interlengua en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. [s.d] Disponível em:

<http://revistas.ucm.es/edu/11300531/articulos/DIDA9595110203A.PDF>, acessado em: 25/04/10.

FIAD, R. S; MAYRINK-SABINSON, M. L. A escrita como trabalho. In: Martins, M. H. (org.). *Questões de linguagem*. São Paulo: Contexto, 1991, p. 54-63.

GRIFFIN, Kim. La interlengua. In: *Lingüística aplicada a la enseñanza del español como 2/L*. Arco/Libros: Madrid, 2005.

HOFFMANN, Jussara M. L. *Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Mediação, 2005, p. 56-68.

ISRAEL S. Maria Josefina. Reflexões lingüísticas sobre a metodologia de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira: um caso do ensino do espanhol no Brasil. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx>, acessado em 20/04/10.

LEFFA, Vilson J. A linguística aplicada e seu compromisso com a sociedade. Trabalho apresentado no *VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada*. [s.d] Disponível em: http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/la_sociedade.pdf, acessado em: 20/06/10.

LIMA, Marília dos Santos; MENTI, Magali de Moraes. O tratamento corretivo da forma no ensino e na aprendizagem de língua estrangeira. [s.d] Disponível em: www.lettras.ufpr.br/revista_letras/numeros/62.html, acessado em: 20/10/10.

MENEZES, Vera; SILVA, Marina M.; GOMES, Iran F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, Regina Celi M. &

ROCA, Maria del Pilar, (orgs.). *Linguística Aplicada – São Paulo: contexto*, 2009, p. 25-49.

MOITA LOPES, L. P. Afinal, o que é Linguística aplicada. In: *Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996, p. 17-23.

PAIVA, Vera Lúcia M. de Oliveira. Modelo fractal de aquisição de línguas. In: BRUNO, Fátima Cabral (org.). *Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática*. São Carlos: Claraluz, 2005, p. 23-51.

RICHARDS, Jack C., RODGERS, Theodore S. *La enseñanza comunicativa de la lengua*. In: *Enfoques y métodos en la enseñanza de idiomas*. Colección Cambridge de didáctica de lenguas. Madrid, Cambridge University, 2001. (Trad. José M. Castrillo).

ROQUE, Vítor A. Batista. Uma reflexão sobre a abordagem comunicativa do ensino-aprendizagem de línguas (Um caminho para o ensino do Português LE/L2?). [s.d] Disponível em: http://www.multiculturas.com/textos/abord_comunicativa_Vitor-Roque.pdf.

RUIZ, Eliana M. S. Donaio. *Como se corrige redação na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. (Coleção ideias sobre linguagem).

SANTA-CECILIA, Álvaro García. *El currículo de español como lengua extranjera – Fundamentación, planificación y aplicación*. Madrid, Edelsa, Grupo Didascalía, 1995. (p. 73-126).

_____. *El currículo de español como lengua extranjera*. Madrid: Edelsa, 2000, p. 127-220.

SANTOS GARGALLO, Isabel. El análisis de errores en la interlengua del hablante no nativo. [s.d]. In: *Vademécum para la formación de profesores. Enseñar español como segunda lengua (L2) lengua extranjera (LE)-SGEL*.

_____. *Análisis contrastivo, análisis de errores e interlengua en el marco de la lingüística contrastiva*. Madrid: Editorial Síntesis, 1993.

_____. *Lingüística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera*. 2ª ed. Arco/ Libros: Madrid, 2004, p. 65-82.

SOARES, Doris de Almeida. Introdução à Lingüística Aplicada e sua utilidade para as pesquisas em sala de aula de língua estrangeira. [s.d] Disponível em: http://www.filologia.org.br/revista/40suple/introdao_a_linguistica%20.pdf, acesso em: 15/07/10.

SCHMITZ, J. R. Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. In: MOITA LOPES, L. P. (ORG.). São Paulo: Parábola Editorial, 2006. [s.d.] Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/rbla/2008_1/10-Resenha-John-Robert.pdf, acessado em: 16/08/10.

SÖHRMAN, Ingmar. ¿Qué nos enseñan los errores y como analizarlos. In: *La lingüística contrastiva como herramienta para la enseñanza de lenguas*. Arco/Libros: Madrid, 2007.

TARDIN, Rita de Cássia. Das origens do comunicativismo. In: ALVAREZ, Maria L. Ortiz; SILVA, Kleber A. (orgs). *Linguística Aplicada: múltiplos olhares*. Campinas: SP, Pontes editores, 2007, p. 281-301.

TAFUR, Elmer Milton Manayay. Estrategias de comprensión de textos. In: ASECIO, José Gomes. LOBATO, Jesús Sánchez. *Estrategias en el aprendizaje de E/LE*. Madrid: SGEL, 2004, p. 53-78.

WOLF, Rosângela Abreu do Prado. O erro como estratégia de trabalho no ensino fundamental. [s.d] Disponível em: <http://www.unicentro.br/editora/revistas/analecta/v2n2/artigo%208%20o%20erro%20como%20estrategica.pdf>.

ANEXOS

Anexo A

La Honestidad

“Todos deseamos que quienes están cerca a nosotros, y también las personas que desempeñan cargos de representación pública, nos digan siempre la verdad. Es por ello, que **la HONESTIDAD es un valor relacionado con la decisión de actuar conforme a la Verdad y la Justicia, que igualmente debe ser vivido con humildad**. Por tanto es honesto quien actúa y habla de conformidad con lo que considera correcto, pero que no hace de tales actuaciones un escenario teatral para ser re-conocido por los otros. Así, reconocerá de cada uno lo que le corresponde y actuará con base en sus propios principios.

Ser honesto es ser real, acorde con la evidencia que presenta el mundo y sus diversos fenómenos y elementos; es ser genuino, auténtico, objetivo. La honestidad expresa respeto por uno mismo y por los demás, que, como nosotros, "son como son" y no existe razón alguna para esconderlo. Esta actitud siembra confianza en uno mismo y en aquellos quienes están en contacto con la persona honesta.

La honestidad no consiste sólo en franqueza (capacidad de decir la verdad) sino en asumir que la verdad es sólo una y que no depende de personas o consensos sino de lo que el mundo real nos presenta como innegable e imprescindible de reconocer. Por esto es muy difícil que siendo político se actúe con honestidad, pues los intereses políticos, de caudillos, de poder, de posicionamiento publicitario, e incluso económicos actúan como fuertes barreras. Igualmente, el simple hecho de comprometer la palabra de un líder en defensa de todos los dirigentes de una organización, se convierte en un obstáculo, pues absolutiza como irrefutable la actuación de personas que seguramente tienen defectos, errores e incluso actuaciones deshonestas.

¿Cuál sería una manera HONESTA de ejercer la política? Diciendo, tenemos estas propuestas y estas personas, haremos lo posible por sacarlas adelante, pero NO PODEMOS GARANTIZAR que no fallaremos. ¿Actuarán así?”

.....
...

Texto adaptado, disponible en: <http://www.valores.humanet.com.co/honestidad.htm>,
accesado en: 20/09/10.

Partidos que apoyan a Lula tendrán el 78% de la Cámara de Diputados

Río de Janeiro, 4oct (EFE).- Los partidos que apoyan al presidente brasileño, LuizInácio Lula da Silva, contarán con 402 de los 513 escaños de la Cámara de Diputados que asumirá en 2011, según proyecciones divulgadas hoy por el portal "Congreso en Foco" con base en los escrutinios parciales de las elecciones del domingo.

La bancada oficialista en la próxima legislatura no solo tendrá la mayoría absoluta, con el 78% de los escaños, sino también más de los tres quintos (307 diputados) necesarios para aprobar enmiendas constitucionales, según el portal especializado en información legislativa.

.....

La nueva correlación de fuerzas en la Cámara de Diputados puede ser bastante favorable para la candidata oficialista Dilma Rousseff en caso de que gane la segunda vuelta de las elecciones presidenciales, en la que se enfrentará dentro de cuatro semanas al opositor José Serra, del Partido de la Social Democracia Brasileña (PSDB).

.....

Esa correlación de fuerzas aún puede cambiar debido a que el TSE no ha divulgado el número de votos obtenido por algunos candidatos que eran señalados como favoritos en las encuestas pero cuya elección depende de decisiones judiciales.

La mayoría de estos candidatos presentó recursos judiciales para poder disputar las elecciones pese a que este año entró en vigor una ley que inhabilita a los aspirantes que han sido condenados civil o penalmente por tribunales de segunda instancia.

La futura correlación de fuerzas también depende de que los estados que están más atrasados con el escrutinio divulguen los resultados finales. EFE

Texto adaptado, disponible en: <http://es.noticias.yahoo.com/9/20101004/twl-partidos-que-apoyan-a-lula-tendran-e-e1e34ad.html>, accessed: 04/10/10.

Anexo B

1. Este es un fragmento proferido por el colombiano y también creador de “Cien años de Soledad” Gabriel García Márquez sobre el narcotráfico, incluido en el libro “Yo no vengo a decir un discurso” que reúne sus intervenciones en público divulgado el sábado 23/10, por la revista cultural. ¿Qué crees que Gabriel García Márquez quiso decir con estas palabras? ¿Existe un responsable o responsables por el narcotráfico? Expresa tu opinión sobre este asunto.

“El destino de la idea bolivariana de la integración parece cada vez más sembrado de dudas, salvo en las artes y las letras, que avanzan en la integración cultural por su cuenta y riesgo (...). Cuando la integración política y económica se cumplan, y así será, la integración cultural será un hecho irreversible desde tiempo atrás. Inclusive en los Estados Unidos, que se gastan enormes fortunas en penetración cultural, mientras que nosotros, sin gastar un centavo, les estamos cambiando el idioma, la comida, la música, la educación, las formas de vivir, el amor. Es decir, lo más importante de la vida: la cultura.

(...)

El presidente De la Madrid nos hizo el gran favor de tocar el drama del narcotráfico. **Para él los Estados Unidos abastecen a diario entre veinte y treinta millones de drogadictos sin el menor tropiezo, casi a domicilio, como si fuera la leche, el periódico o el pan.** Esto sólo es posible con unas mafias más fuertes que las colombianas y una corrupción mayor de las autoridades que en Colombia. **El problema del narcotráfico, por supuesto, nos toca a los colombianos muy profundamente. Ya casi somos los únicos culpables del narcotráfico, somos los únicos culpables de que los Estados Unidos tengan ese gran mercado de consumo, por desgracia del cual es tan próspera la industria del narcotráfico en Colombia. Mi impresión es que el tráfico de drogas es un problema que se le salió de las manos a la humanidad. Eso no quiere decir que debemos ser pesimistas y declararnos en derrota, sino que hay que seguir combatiendo el problema a partir de ese punto de vista y no a partir de la fumigación.**

Hace poco estuve con un grupo de periodistas norteamericanos en una pequeña meseta que no podía tener más de tres o cuatro hectáreas sembradas de amapolas. Nos hicieron la demostración: fumigación desde helicópteros, fumigación desde aviones. Al tercer paso de helicópteros y aviones, calculamos que aquéllos podían costar ya más de lo que costaba la parcela. Es descorazonador saber que de ninguna manera se combatirá así el narcotráfico. **Yo**

les dije a algunos periodistas norteamericanos que iban con nosotros que esa fumigación debía empezar por la isla de Manhattan y por la alcaldía de Washington. Les reproché también que ellos y el mundo saben cómo es el problema de la droga en Colombia — cómo se siembra, cómo se procesa, cómo se exporta— porque los periodistas colombianos lo hemos investigado, lo hemos publicado, lo hemos divulgado en el mundo. Inclusive, muchos lo han pagado con su vida. En cambio, ningún periodista norteamericano se ha tomado el trabajo de decirnos cómo es el ingreso de la droga hasta los Estados Unidos, y cómo es su distribución y su comercialización interna”.

Texto extraído de:

http://www.elpais.com/articulo/cultura/Memoria/oral/Garcia/Markquez/elpepucul/20101018elpucul_1/Tes.

http://www.elpais.com/elpaismedia/ultimahora/media/201010/18/cultura/20101018elpucul_1_Pes_PDF.pdf.

ANEXO C

título

El narcotráfico es un problema muy grande y complejo, que no tiene solución, pero hay que combatirlo y disminuir el tráfico. Colombia es un país muy conocido, principalmente cuando se refiere al tráfico de drogas, por que hay una gran producción y exportación para otros países. Los reportajes tienen divulgadores y los involucrados de mayor conocimiento y grandes países.

El narcotráfico: un producto que vale mucho

El narcotráfico es un problema muy grande que no tiene como acabar. Son muchos los involucrados con eso, pero que los mayores culpables son aquellos que tienen mucho dinero muy conocimiento que vienen de grandes países, como es el caso de Estados Unidos. Ese país es uno de los mayores abastecedores de drogadicción.

Es un problema que no tiene solución, pero que hay que combatirlo y disminuir el tráfico de drogas. Colombia es un país conocido por eso, pues hay una gran producción y distribución a los otros países.

Hay muchos culpables por el narcotráfico, aunque son muchos involucrados y que detienen el poder por todo eso.

ANEXOD

Título?

El autor quisiera mostrar la realidad de Colombia, con relación al narcotráfico, para que las personas se den cuenta de lo que está sucediendo en este país, y un afeto para principalmente las autoridades hacer la buena cosa para resolver el problema. El hace una crítica a los EUA que ayudan la proliferación del narcotráfico. Colombia es un gran consumidor de drogas, pero siendo una potencia mundial debería ser los más preparados e interesados en ayudar a combatir el narcotráfico, para la seguridad de todos. Pero también suya que Colombia tiene una parcela de culpa por la explotación del tráfico de drogas, por causa de la industria de las drogas. Finalmente dice que los únicos que se involucran en el combate del narcotráfico son los periodistas colombianos, pero ellos arriesgan sus vidas, cuando investigan, publican y divulgan en el mundo lo que sucede en Colombia.

Reescrita do anexo D

Universidade Estadual de Paraíba 28/11/10
Campus VI Pista Pinto de Monturo
Comp. Curricular: Redação
Professora: _____
Aluna: _____
Período: 1º - noturno

Los periodistas y su relación con el narcotráfico en Colombia.

El autor quiso mostrar la realidad de Colombia, con relación al narcotráfico, para que las personas se den cuenta del que está pasando en este país. Y un alerta para, principalmente, las autoridades hacer un alguna cosa para resolver el problema.

El hace una crítica a los EUA, que ayudan la proliferación del narcotráfico colombiano, siendo una potencia mundial debían ser los más preparados e interesados en ayudar a combatir el narcotráfico, para la seguridad de todos. Pero, también mira que Colombia tiene una parcela de culpa por la expansión del tráfico de drogas, por causa de la industria de las drogas.

Realmente creo que los únicos que se interesan con el combate del narcotráfico son los periodistas colombianos, pues ellos arriesgan sus vidas, cuando investigan, publican y divulgan en el mundo lo que sucede en Colombia.

ANEXO E: neste caso a aluna reescreveu logo abaixo do primeiro texto.

7440
Al analizar esta pequeña frase citada por Gabriel García, ya pudo observar que el autor fue claro en su abordaje sobre el narcotráfico, cuando prefirió que no iba hacer ninguno discurso. El estaba parafraseando una palabra que generalmente hace parte de otro contexto o esfera, neste momento él hizo una crítica a los gobernantes y autoridades del país, porque siempre que los países hablan de este tema nunca nos muestran soluciones concretas, siempre intentan no lidiar con sus discursos. Ésta no era la suya intención, suya propósito era de mostrar formas de intervenciones.
El narcotráfico siempre será un tema polémico porque existen diversas personas involucradas de forma directa e indirecta, el narcotráfico es para muchos una mina de oro, este problema tiene un aspecto como una pelota de nieve es algo casi irreversible. Pero no debemos bajar nuestros cabezas, pero hacer aquello que nos es posible intentando combatir el problema.

Al analizar esta pequeña frase citada por Gabriel García, ya pudo observar que el autor fue claro en su abordaje sobre el narcotráfico, cuando prefirió que no iba hacer ninguno discurso. El estaba parafraseando una palabra que generalmente hace parte de otro contexto o esfera, neste momento él hizo una crítica a los gobernantes y autoridades del país, porque siempre que los países hablan de este tema nunca nos muestran soluciones concretas, siempre intentan no lidiar con sus discursos. Ésta no era la suya intención, sus propósito era de mostrar formas de intervenciones.
El narcotráfico siempre será un tema polémico porque existen diversas personas involucradas de forma directa e indirecta, el narcotráfico es para muchos una mina de oro, este problema tiene un aspecto como una pelota de nieve es algo casi irreversible. Pero, no debemos bajar nuestros cabezas, pero hacer aquello que nos es posible para intentar combatir el problema.

ANEXO F

Para Gabriel García todos somos los responsables por el problema de narcotráfico en el país. Los Estados Unidos con todo su poder económico y cultural no encuentran medidas para reducir la entrada de los drogas. Sin embargo, en realidad el propio narcotráfico es que hace con que el país sea la potencia que es. El problema del uso de las drogas en las manos de las personas que no intentan hacer nada, pues tienen el problema como unido del gobierno, en realidad, toda es posible por de la humanidad, pero todos son víctimas del narcotráfico.

Narcotráfico

Para Gabriel García todos somos los responsables por el problema de narcotráfico en el país. Los Estados Unidos con todo su poder económico y cultural no encuentran medidas para reducir la entrada de las drogas en un país. Sin embargo, en realidad el propio narcotráfico es que hace con que el país sea la potencia que es. El problema del uso de las drogas en las manos de las personas que no intentan hacer nada, pues tienen el problema como unido del gobierno, en que el país sufre todos los problemas de la humanidad, pero todos son víctimas del narcotráfico.

ANEXO G

Título?

Gabriel García Márquez expresa una opinión a respecto de como el narcotráfico atinge el imagen de Colombia. Para él, el gran problema no está solo en aquel país, como muchos acostumbraban decir, y ni, principalmente, en la manera como grandes potencias mundiales, como por ejemplo los Estados Unidos, contribuyen para el consumo y para la propagación de las drogas.

Hoy, Colombia no consigue mantener un combate eficiente a las drogas por cuenta del gran mercado de consumo y de la facilidad de transporte de la producción, muchas veces financiadas por traficantes y consumidores de otros países. Otro factor que también contribuye para este problema es la manera inadecuada de como ocurre el combate, pues la gran mayoría de los responsables por este hecho conocen la forma como los narcotraficantes trabajan, pero los esfuerzos no son suficientes. La forma actual de combate no es la ideal ni la más apropiada.

Así, no debemos solo nos mantener como espectadores de esta tragedia, debemos ni hacer nuestra parte, mismo que pequeña, y luchar para que las políticas contra las drogas cambien y logren éxitos verdaderos. No debemos nos dar por vencidos, como se este fuera un problema sin resolución: es sin un problema actual que necesita de un combate también actualizado y verdaderamente eficiente, no solo por parte de países conocidos como "productores", pero también, y en la misma porcentaje, por los consumidores.

Reescrita do anexo G

El problema del narcotráfico

Gabriel García Márquez expresa una opinión a respecto de como el narcotráfico alcanza la imagen de Colombia. Para él, el gran problema no está solo en aquel país, como muchos acostumbrar decir, pero se queda, principalmente, en la manera como grandes potencias mundiales, como por ejemplo los Estados Unidos, contribuyen para el consumo y para la propagación de las drogas.

Hoy, Colombia no consigue mantener un combate eficiente a las drogas por cuenta del gran mercado de consumo y de la facilidad de transporte de la producción, muchas seces financiadas por traficantes y consumidores de otros países. Otro factor que también contribuye para este problema es la manera inadecuada de como ocurre el combate, pues la gran mayoría de los responsables por este hecho conocen la forma como los narcotraficantes trabajan, pero los esfuerzos no son suficientes. La forma actual de combate no es la ideal, ni la más apropiada.

Así, no debemos solo nos mantener como espectadores de esta tragedia, debemos ni hacer nuestra parte, misma que pequeña, y luchar para que las políticas contra las drogas cambien y logren éxitos verdaderos. No debemos nos dar por vencidos, como se este fuera un problema sin resolución: es sin un problema actual que necesita de un combate también actualizado y verdaderamente eficiente, no solo por parte de países conocidos como "productores", pero también, y en la misma porcentaje, por los consumidores.

ANEXO H

(Título)

El problema del narcotráfico también no está en los gobiernos, mas en los pueblos. Ellos pueden producir mucho dinero en la compra de narcotráfico, después de requerir mucho de no en ver en cultura educación para todos será mucho difícil combatir el narcotráfico.

El narcotráfico colombiano es un de los mayores del mundo. El problema está en la culpa de las autoridades del país que son mayoría corruptos. En los estados unidos se invierte mucho en educación, en su mas en su iniciativa en el país que son más totalitar. El problema del narcotráfico colombiano son las compra de los drogas que venen de la Colombia en la misma época la Europa es de las personas que son corruptos y compran drogas para revender y consumir ellos son estados de ellos siempre los políticos de los problemas siempre están pasando en nuestro mundo cuando el problema es siempre nuestro y no de las autoridades. Es preciso que todos nos medas la nuestra cultura de que el problema de un país es de los gobiernos es no de nosotros misimos. Por que nuestro medas la nuestra misera de que no podemos medas los acontecimiento.

El problema de las drogas es de salud pública, y no solo es la Colombia que tiene este problema, mas en todos los países del mundo pero con este problema tenemos mas otro problema la diferencia es que ellos requieren nuestras cultura para comprar drogas y plantar una cultura de salud y educación mucho lectura y igualdad para todos. Solo en caso nuestro podemos una mejor con drogas.

! Muy Bueno!

ANEXO I

Título?

Según Gabriel García Márquez, hace una crítica a los Estados Unidos, que es un país que invierte mucho en educación, pero tiene una gran comercialización de drogas, ¿cuál sea el motivo de tantas personas consumen drogas? tal vez sea por que tenga que tener más com inversión de los gobernantes para impedir la entrada de las drogas, ya que es un país que tiene varios avances tecnológicos, o que tenga la comercialización de las personas para ese hecho que es un problema que afecta toda la humanidad.

Mientras, el narcotráfico en la Colombia tiene mayor divulgación por ser un país que cultiva la droga, pero los mayores consumidores son los americanos.

¡Muy Bueno!

Sugerencia: desarrolle más su texto.

Reescrita do anexo I

Título?

Según Gabriel García Márquez, hace una crítica a los Estados Unidos, que es un país que invierte mucho en educación, pero tiene una gran comercialización de drogas, ¿Cuál sea el motivo de tantas personas consumieren drogas? tal vez sea por que tengaⁿ que tener más ~~com~~ inversión de los gobiernos para impedir la entrada de las drogas, ya que es un país que tiene varios avances tecnológicos, o que tenga la comercialización de las personas para ~~eso~~ hecho que es un problema que afecta toda la humanidad.

Mientras, el narco-trafico en la Colombia tiene mayor divulgación por ser un país que cultiva la droga, pero los mayores consumidores son los americanos.

¡ Muy Bueno!
Sugerencia: desarrolle más su texto.

Política con Honestidad

Honestidad en la política hoy en día es muy difícil de encontrar, pues son pocos los políticos que tienen humildad y también una verdad en sus propuestas, tanto en las elecciones, cuanto después que fijan el poder en sus manos.

Implícitamente las barreras son fuertes, por eso no es solamente tener honestidad, también es un conjunto de cosas y obstáculos que tienen de enfrentar por parte del partido, como los valores económicos que posicionan el poder, etc.

Entonces, los candidatos para esta elección del 2010 son Dilma Rousseff y su opositor José Serra donde tendrán de enfrentar obstáculos para mostrar sus propuestas y veracidad en sus compromisos, delante de la población que está muy confundida con todo eso que está aconteciendo en nuestro país, saliendo un presidente que fue el mejor hasta hoy en mi opinión y tener que colocar el otro en su lugar para vermos una continuidad de desenvolvimiento que no esperamos que continuará en el futuro, mas mismo con dudas vamos votar con confianza para un Brasil mejor.

Sin embargo, para que haya honestidad en la política, tenemos que ver realmente en quien vamos votar y analizar bien sus propuestas y no simplemente votar sin reflexión, vamos en unión y siempre determinados para vivirnos en un país digno para todos.

ANEXO M

En esa sociedad que vivimos hoy los principios están siendo olvidados, valores importantes como el respeto y la honestidad están cada día más lejos de las relaciones entre los hombres. Como consecuencia de esa sociedad surgieron los políticos como conocemos hoy, un sinónimo de corrupción. Hoy la mayoría de las personas votan por intereses individuales, eso porque nadie cree que los candidatos digan la verdad, las propagandas son muy llamativas y las propuestas muy buenas, pero falta una cosa muy importante, honestidad. Y por eso queda difícil saber quien habla la verdad y quien solamente promete pero no hace nada. La mayoría de los partidos políticos están envueltos en escándalos y eso hizo con que los políticos perdieran la confianza. La cuestión es que ellos quieren estar en el poder y para conseguirlo hacen de todo. Contra ese tipo de gobernante tenemos una arma que se supiéramos usarla ocuparíamos nuestros verdaderos lugares, lo de patria, pues los gobernantes están para nos servir. El problema actual no es la falta de la libertad en la elección, el problema es que no sabemos elegir. Lavado en nuestros valores, y así seguimos votando aún por imperición. ¿Porque seguimos votando por imperición se no estamos más en tiempo del coronelismo o de la dictadura militar? Hoy tenemos un sistema electoral muy seguro y moderno, pero la forma como elegimos es muy antigua.

ANEXO N

Habló sobre la honestidad en este período electoral es muy importante, porque nos hace pensar que tenemos una responsabilidad sobre nuestros hombres, ¿quién elegiríamos para gobernar nuestras ciudades, estados y países? tenemos este poder de escoger y esto es muy importante sermos un país democrático, pero como tener la castiga, como asegurar que los candidatos van a cumplir con los propósitos y las promesas de los tiempos de elecciones. Más no que la persona que elegimos sea una persona honesta, no solamente depende de él decidir las leyes, pero depende de los bancadas de la cámara, senado y otros poderes, no que sea tan ruin esto, pues si una gobernante tuviera todo poder para decidir no sería un país democrático.

Pero cuando ven estos períodos electorales, se queda una duda en quién votar, tengo que concienencia que quizás hacer mi parte, porque todo tenemos que nos preocupar con las personas que tenga la dirección de nuestro país, quedarse preocupar a la situación. Ser eso, escuchar las propuestas y pide dirección a Dios y voto así consciente.

ANEXO O – Texto e reescrita

Título?

El autor Gabriel García Márquez intenta mostrar que solamente a través de la educación, cultura y integración social que tiene un resultado bueno, pero así de esta forma tener resultados satisfactorios con los drogadictos pero los únicos culpables son nosotros por no controlar la curiosidad y consumir los drogas, nosotros que intentamos hacer algo, mas lo hicimos por que la industria de la narcotráfico tiene los propios políticos y la policía que ayuda a los mafiosos, colonizadores e imperial, la solución donde los gobernantes debían hacer las políticas para el fin de las drogas y no ayudar los traficantes.

¡ Buena!
 destruir los fornes y las familias

Observación:
desarrolla más su texto.

El Entorpesimista

El autor Gabriel García Márquez intenta mostrar que solamente a través de la educación muy cualificada, cultura del país y integración social que tiene un resultado bueno, donde las buscas por una vida con salud y resultados satisfactorios con los drogadictos pero los únicos culpables son nosotros por no controlar la curiosidad y hacer experimentos de las drogas, quisimos que después que no quisiera nada, no tiene como salir de esta vida mala, donde muchos drogadictos buscan una forma de escapar sus preferencias en la droga y neste camino la industria del narcotráfico tiene una fuerte composición del poder, este poder se intensifica con los propios políticos y la policía que ayuda a los mafiosos, colonizadores e imperial, la solución donde los gobernantes debían hacer las políticas para el fin de las drogas y no ayudar los traficantes destruir los fornes y las familias.